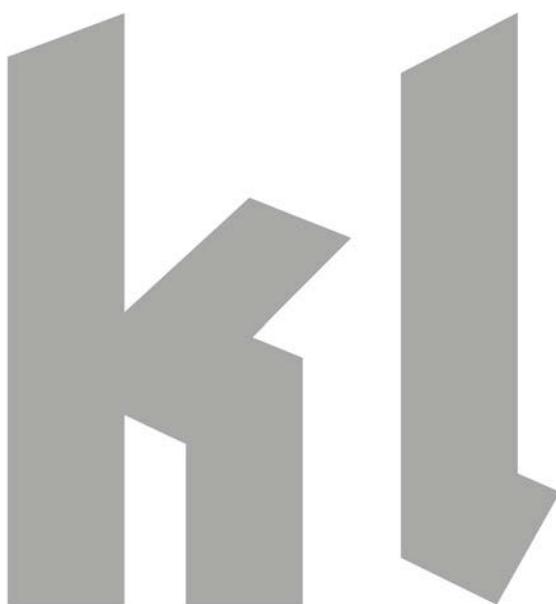


Nikolaus Wachsmann



A HISTÓRIA DOS CAMPOS
DE CONCENTRAÇÃO NAZIS

Tradução de
Miguel Mata



Índice

Lista de mapas	11
PRÓLOGO	13
1. OS PRIMEIROS CAMPOS	33
Primavera e verão de sangue	36
A coordenação	55
Terror às claras	73
2. O SISTEMA CONCENTRACIONÁRIO SS	89
Uma exceção permanente	92
Os guardas SS	110
Os mundos dos presos	128
3. A EXPANSÃO	145
Os marginais	148
O trabalho forçado	166
Os judeus	181
4. A GUERRA	200
Os Guardas SS em guerra	201
O caminho para a perdição	219
Escalas de sofrimento	235
5. EXTERMÍNIO EM MASSA	250
A matança dos fracos	252
A matança dos prisioneiros de guerra soviéticos	268
Utopias assassinas	284
6. HOLOCAUSTO	300
Auschwitz e a Solução Final	302
«As fábricas da morte»	313
O genocídio e o sistema concentracionário	329

7. ANUS MUNDI	348
Os presos judeus no Leste	352
As rotinas dos SS.	369
Pilhagem e corrupção	385
8. ECONOMIA E EXTERMÍNIO.	400
Oswald Pohl e o WVHA	401
O trabalho escravo.	418
As «cobaías»	436
9. CAMPOS SEM LIMITES	453
<i>In extremis</i>	456
Os campos-satélites	472
O mundo exterior	488
10. ESCOLHAS IMPOSSÍVEIS	506
Comunidades coagidas.	508
Os <i>Kapos</i>	521
A oposição	536
11. MORTE OU LIBERDADE.	550
O princípio do fim	552
Apocalipse	568
As últimas semanas	583
EPÍLOGO.	602
Apêndice: Quadros	635
Quadro 1. Número diário de presos nos campos de concentração SS, 1934-1945	635
Quadro 2. Presos mortos nos campos de concentração SS.	636
Notas	637
Abreviaturas	637
Fontes	785
Agradecimentos	841
Índice remissivo	843

Lista de mapas

MAPA 1. Os primeiros campos em Berlim (por distrito), 1933.	46
MAPA 2. Campos de concentração SS, verão de 1935	105
MAPA 3. Campos de concentração SS, 1 de setembro de 1939.	197
MAPA 4. Campos de concentração SS (campos principais), verão de 1944 .	337
MAPA 5. Complexo do KL Auschwitz, c. 1944.	351
MAPA 6. Buchenwald e campos-satélites, outono de 1944.	474
MAPA 7. Evacuação de Auschwitz (rotas principais), início de 1945.	563

Fontes: von Götz, «Terror in Berlin» (mapa 1); OdT, vol. 3 (mapa 6); Długoborski e Piper (orgs.), *Auschwitz*, vols. 1, 5 (mapas 5, 7).

Nota sobre a toponímia: tanto os mapas como o texto apresentam principalmente os nomes oficiais dos campos de concentração e cidades na época dos acontecimentos narrados no livro, embora por vezes se use (ou apresente como alternativa) o nome atual ou mais conhecido dos leitores.

Prólogo

Dachau, 29 de abril de 1945. No início da tarde, perto de Munique, soldados americanos das forças aliadas que avançam pela Alemanha para esmagar os últimos vestígios do Terceiro Reich dão com um comboio abandonado num ramal de um grande complexo SS perto de Munique. Ao aproximarem-se do comboio, os soldados fazem uma descoberta horrível: os vagões estão cheios de cadáveres: mais de 2000 homens e mulheres e algumas crianças. É um emaranhado de membros esqueléticos e contorcidos, de palha e trapos, coberto de imundície, sangue e excrementos. Alguns GI, brancos como a cal, viram as costas para chorar ou vomitar. «Ficámos com o estômago às voltas e tão furiosos que cerrámos os punhos», escreveu um oficial no dia seguinte. A meio da tarde, quando os soldados abalados se internam no complexo SS e chegam ao recinto dos presos, encontram 32 000 sobreviventes de muitas etnias, religiões e credos políticos, representando mais de 30 nações europeias. Alguns dos que cambaleiam ao encontro dos libertadores parecem mais mortos que vivos. A maioria jaz em barracões sobrelotados, infestada de imundície e doenças. Para onde quer que se virem, os soldados veem cadáveres: no chão, entre os barracões, amontoados em valas, empilhados como toros junto do crematório do campo. Quanto aos responsáveis pela carnificina, quase todos SS de carreira, desapareceram, deixando para trás um grupo desgarrado de cerca de 200 guardas¹. As imagens de pesadelo correram rapidamente o mundo e ficaram gravadas na memória coletiva. Os campos de concentração como Dachau ainda são frequentemente vistos pelo prisma dos libertadores, com as imagens conhecidas de valas cheias de corpos, pilhas de cadáveres e sobreviventes esqueléticos que olham para as câmaras. Porém, estas imagens, malgrado a sua força, não revelavam toda a história de Dachau: o campo tinha uma história muito mais antiga e só chegou ao seu último círculo do Inferno na fase terminal da Segunda Guerra Mundial².

Dachau, 31 de agosto de 1939. Os presos levantam-se antes do alvorecer, como fazem todas as manhãs. Nenhum sabe que a guerra vai eclodir no dia seguinte e cumprem o seu horário habitual. Depois do primeiro frenesim – acotovelam-se na correria para os lavabos, devoram um pouco de pão e limpam os barracões –, marcham para a parada em rigorosa formação militar. Quase 4000 homens de cabelo à escovinha ou cabeça rapada e uniformes às riscas põem-se em sentido, receosos de um novo dia de trabalhos forçados.

Excetuando um grupo de checos, quase todos os presos são alemães ou austríacos, mas a língua é praticamente a única coisa que têm em comum; os triângulos coloridos que ostentam nos uniformes identificam-nos como presos políticos, sociais, criminosos de delito comum, homossexuais, testemunhas de Jeová ou judeus. Atrás das filas de detidos, erguem-se os barracões térreos que os alojam. Cada um dos 34 barracões construídos para o efeito tem cerca de 110 metros de comprimento; o chão brilha e os beliches estão meticulosamente arrumados. A fuga é quase impossível: o recinto rectangular dos presos, que mede 637 x 304 metros, está rodeado por um fosso e um muro de cimento, torres de vigias com metralhadoras, arame farpado e uma vedação eletrificada. Fora do recinto, situa-se a enorme zona dos SS, com mais de 220 edifícios, incluindo armazéns, oficinas, alojamentos e até uma piscina. Esta zona aloja cerca de 3000 guardas, uma unidade de voluntários com os seus próprios valores e princípios, que atormenta os detidos com rotinas bem ensaiadas de maus-tratos e violência. No entanto, as mortes são poucas e infrequentes: em agosto de 1939, registaram-se apenas quatro; os SS ainda não sentiram a necessidade premente de construir um crematório³. O terror infligido pelos guardas SS é bastante contido – está a quilómetros de distância do caos mortífero dos últimos dias, na primavera de 1945, e dos primeiros passos atabalhados de Dachau, na primavera de 1933.

Dachau, 22 de março de 1933. O primeiro dia do campo está a chegar ao fim e a noite está fria. Decorreram menos de dois meses desde que a nomeação de Adolf Hitler para chanceler lançou a Alemanha no caminho para a ditadura nazi. Os novos detidos (ainda com as suas roupas civis) estão a comer pão, salsichas e chá dentro de uma antiga fábrica de munições. O edifício foi convertido à pressa, nos últimos dias, num campo improvisado, separado do resto do recinto fabril abandonado, com as suas estruturas arruinadas, fundações de cimento destruídas e estradas decrepitas. Não são mais de 100-120 presos políticos, na sua maioria comunistas de Munique. Depois da sua chegada em camiões de caixa aberta, pouco antes, os guardas – 54 homens – anunciaram-lhes que ficariam em «detenção de proteção», um termo no qual muitos alemães nunca ouviram falar. Fosse o que fosse, pareceu-lhes tolerável: os guardas não eram paramilitares nazis, mas sim polícias amistosos que conversaram com os detidos, distribuíram cigarros e até dormiram no mesmo edifício. No dia seguinte, o preso Erwin Kahn escreveu uma longa carta à mulher para lhe dizer que tudo corria bem em Dachau. A comida era boa e o tratamento também, mas a demora na sua libertação estava a deixá-lo impaciente. «Gostava de saber quanto tempo vai demorar esta coisa toda». Algumas semanas depois, Kahn estava morto, abatido a tiro pelos SS, aos quais fora entretanto confiada a responsabilidade pelo complexo dos detidos. Erwin Kahn foi um dos primeiros dos quase 40 000 presos de Dachau que morreram entre as primaveras de 1933 e 1945⁴.

Três dias em Dachau, três mundos diferentes. No espaço de apenas 12 anos, o campo não parou de mudar. Presos, guardas, condições – quase tudo parecia alterar-se. Até o local foi transformado; depois da demolição e da substituição dos velhos edifícios da fábrica por barracões construídos para o efeito, em finais dos anos 30, um preso da primavera de 1933 não teria reconhecido o campo⁵. Porque é que Dachau, depois do seu início benigno, em março de 1933, se transformou na ordem de terror SS e na catástrofe que sobreveio durante a Segunda Guerra Mundial? Que significado teve isto para os detidos? O que moveu os perpetradores? E o que sabia a população local acerca do campo? Estas perguntas vão ao cerne da ditadura nazi e não devem ser feitas apenas em relação a Dachau, mas sim relativamente ao sistema dos campos de concentração na sua globalidade⁶.

Dachau foi o primeiro dos muitos campos de concentração SS. Estabelecidos na Alemanha nos primeiros anos do regime de Hitler, os campos espalharam-se rapidamente, durante a conquista nazi da Europa, a partir de finais da década de 30, à Áustria, Polónia, França, Checoslováquia, Holanda, Bélgica, Lituânia, Estónia, Letónia e até à pequena ilha britânica de Alderney, no Canal da Mancha. A SS criou 27 campos principais e mais de 1100 campos-satélites durante a vigência do Terceiro Reich, embora o número tenha oscilado bastante devido ao encerramento e abertura de campos; Dachau foi o único que durou todo o período nazi⁷.

Os campos de concentração encarnaram o espírito do nazismo como nenhuma outra instituição do Terceiro Reich.⁸ Constituíram um sistema de domínio distinto, com a sua própria organização, regras e pessoal e até com um acrónimo próprio: nos documentos oficiais e na linguagem do dia-a-dia, eram frequentemente referidos por KL (*Konzentrationslager*)⁹. Orientados por Heinrich Himmler, chefe da SS e principal acólito de Hitler, os KL acabaram por refletir as obsessões da liderança nazi, tais como a criação de uma comunidade nacional uniforme através da eliminação de todos os estranhos políticos, sociais e raciais, o sacrifício do indivíduo no altar da higiene racial e da ciência assassina, o recurso ao trabalho forçado para glória da pátria, o domínio sobre a Europa, escravizando as nações estrangeiras e colonizando o espaço vital, a libertação da Alemanha dos seus piores inimigos através do extermínio em massa e, por fim, a determinação para aceitar a destruição em vez da capitulação. Com o tempo, estas obsessões moldaram o sistema dos KL e conduziram à massificação das detenções, das privações e das mortes nos campos.

Podemos estimar que entre 1933 e 1945, 2,3 milhões de homens, mulheres e crianças foram arrastados para os campos de concentração SS; a maioria, mais de 1,7 milhões, perdeu a vida. Quase um milhão de mortos foram judeus assassinados em Auschwitz, o único KL que desempenhou um papel central naquilo que os nazis designaram por Solução Final – o extermínio sistemático dos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial, hoje comumente

conhecido por Holocausto. A partir de 1942, quando a SS começou a enviar para o campo comboios com deportados de todo o continente, o KL Auschwitz funcionou como um híbrido invulgar de campo de trabalho e campo de extermínio. Cerca de 200 000 judeus foram selecionados à chegada para trabalho escravo com os demais presos. Os restantes – cerca de 870 000 homens, mulheres e crianças – foram enviados diretamente para a morte nas câmaras de gás, sem serem registados no campo¹⁰. Apesar do seu papel singular, Auschwitz permaneceu um campo de concentração e continuou a ter características idênticas às dos outros campos, a maioria dos quais – como Ellrich, Kaufering, Klooga, Redl Zipf e muitos outros – foi há muito esquecida. No seu conjunto, ocuparam um espaço único no Terceiro Reich. Foram lugares de terror desregrado onde nasceram e se refinaram algumas das características mais radicais do regime nazi.

Precedentes e perspetivas

Em abril de 1941, os alemães encheram os cinemas para ver um filme repleto de estrelas, alegadamente baseado numa história verídica, que as autoridades nazis estrearam com grande fanfarra. O clímax da película decorre num cenário invulgar – um campo de concentração. Para os presos famélicos e massacrados pelas doenças, vítimas inocentes de um regime assassino, não há nenhum fim feliz: um detido corajoso é enforcado, a sua mulher é abatida a tiro e outros são massacrados pelos carcereiros maléficos – ficam apenas as sepulturas. Estas cenas arrepiantes tinham uma semelhança macabra com a vida nos campos de concentração SS (até houve uma sessão especial para os guardas de Auschwitz). Mas o filme não era sobre os campos SS. O enredo passava-se décadas antes, durante a Guerra dos Bóeres, e os vilões eram os imperialistas britânicos. O filme, intitulado *Ohm Krüger**, foi uma iniciativa de propaganda poderosa durante a guerra contra a Grã-Bretanha e refletiu um discurso proferido alguns meses antes por Adolf Hitler: «Os campos de concentração não foram inventados na Alemanha», declarou ele. «Os ingleses é que os inventaram e usaram esta instituição para subjugar gradualmente as outras nações»¹¹.

Era um estribilho familiar. Hitler já antes tinha afirmado a mesma coisa, dizendo ao povo alemão que o seu regime se limitara a copiar os campos de concentração dos ingleses (mas não os seus maus-tratos)¹². A propaganda nazi nunca se fartou dos campos estrangeiros. Nos primeiros anos do regime, discursos e artigos mencionaram muitas vezes os campos britânicos na África do Sul, que tinham causado muita indignação na Europa, e apontaram para os campos que existiam em países como a Áustria, dos quais se dizia que eram

* «O Tio Kruger»; o enredo versava sobre Paul Kruger, presidente da República Sul-Africana, e sobre a sua derrota pelos britânicos. (*N. do T.*)

cenários de grande sofrimento para os ativistas nazis estrangeiros. O verdadeiro significado desta propaganda – que os campos SS não eram excepcionais – era mais do que evidente, mas para não haver dúvidas Heinrich Himmler, líder da SS, expressou-o de forma inequívoca na rádio alemã, em 1939. Os campos de concentração eram uma «instituição veneranda» no estrangeiro, asseverou ele, e acrescentou que a versão alemã era consideravelmente mais moderada do que as estrangeiras¹³.

Estas tentativas de relativização dos campos SS tiveram pouco êxito, pelo menos fora da Alemanha. No entanto, a tosca propaganda nazi tinha o seu quê de verdade. «O Campo» como lugar de detenção era realmente um fenómeno internacional. Nas décadas que antecederam a conquista do poder pelos nazis, surgiram na Europa e não só, geralmente em períodos de agitação política ou guerra, campos para encarceramento em massa de suspeitos «políticos» e outros – à margem das prisões regulares e do direito penal – e continuaram a florescer depois do desaparecimento do Terceiro Reich, levando alguns observadores a descrever a época como a Idade dos Campos¹⁴.

Os primeiros nasceram durante as guerras coloniais de finais do século XIX e início do século XX, como respostas militares brutais à guerra de guerrilha. As potências coloniais procuraram derrotar os insurretos através do internamento em massa dos civis não combatentes em aldeias, vilas ou campos, uma tática que os espanhóis usaram em Cuba, os Estados Unidos nas Filipinas e os britânicos na África do Sul (de onde o termo «campo de concentração» se vulgarizou). A indiferença e a incompetência das autoridades coloniais causaram fomes, doenças e mortes em massa entre os detidos, mas estes locais de internamento não foram os protótipos dos campos SS, pois diferiram bastante em termos de função, conceção e operação¹⁵. Isto também é válido para os campos do Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia), administrados pelas autoridades coloniais alemãs entre 1904 e 1908, durante uma guerra feroz contra a população indígena. Muitos milhares de hereros e namaquas foram presos em lugares por vezes designados campos de concentração e cerca de metade terá morrido devido à negligência e ao desprezo dos seus carcereiros alemães. Estes campos diferiram dos outros campos coloniais porque a sua criação decorreu menos de uma estratégia militar do que da intenção de punir e de garantir mão-de-obra forçada. No entanto, ao contrário do que tem sido afirmado, não facultaram um «modelo aproximado» para os campos SS e as tentativas de traçar paralelos com Dachau e Auschwitz não convenceram¹⁶.

A era dos campos começou verdadeiramente com a Primeira Guerra Mundial, que os trouxe das colónias longínquas para o centro da Europa. Além dos campos de prisioneiros que continham milhões de soldados, muitos dos países beligerantes estabeleceram campos de trabalhos forçados, campos de refugiados e campos de internamento para civis sob a égide das doutrinas da mobilização total, do nacionalismo radical e da higiene racial. Estes campos eram fáceis de

estabelecer e de guardar graças às inovações recentes como a metralhadora, o arame farpado barato e os barracões portáteis fabricados em série. As condições eram piores na Europa Central e de Leste, onde os detidos amiúde sofriam com os trabalhos forçados, a violência e a negligência sistemáticos, e várias centenas de milhares morreram. No fim da Primeira Guerra Mundial, a Europa estava pejada de campos e a sua memória perdurou muito depois de terem sido encerrados. Em 1927, por exemplo, uma comissão parlamentar alemã denunciou os maus-tratos praticados durante a guerra contra os prisioneiros alemães nos «campos de concentração» franceses e britânicos¹⁷.

Nos anos 20 e 30, surgiram muitos mais campos, à medida que grande parte da Europa foi virando as costas à democracia. Os regimes totalitários, com a sua divisão maniqueísta do mundo entre amigos e inimigos, tornaram-se os grandes paladinos dos campos como armas para isolar e aterrorizar permanentemente os seus alegados adversários. Os KL nasceram nesta família de campos e comungaram de algumas das suas características genéricas. Até houve algumas ligações diretas. Por exemplo, o sistema concentracionário da Espanha franquista, com centenas de milhares de presos durante e depois da guerra civil, inspirou-se, ao que parece, no precedente nazi¹⁸.

O parente estrangeiro mais próximo dos campos de concentração SS encontrar-se-ia provavelmente na União Soviética de Estaline¹⁹. Os bolcheviques, com base nas experiências das detenções em massa durante a Primeira Guerra Mundial, usavam campos (por vezes designados campos de concentração) desde a revolução. Nos anos 30, presidiam a um vasto sistema prisional – conhecido por Gulag – composto por campos de trabalho, colónias penais, prisões, etc. Só os campos de trabalho correcionais do Commissariado do Povo para os Assuntos Internos (NKVD) continham cerca de 1,5 milhões de detidos no princípio de janeiro de 1941, um número de presos muitas vezes superior ao do sistema concentracionário SS. Tal como o complexo dos KL, o sistema soviético era regido por uma utopia destrutiva que procurava criar uma sociedade perfeita através da eliminação de todos os inimigos e os seus campos seguiram uma trajetória algo semelhante: de lugares de terror improvisados para uma rede gigantesca de campos dirigidos centralmente, da detenção de suspeitos políticos para o encarceramento de marginais sociais e étnicos, e da ênfase inicial na reabilitação para o trabalho forçado, frequentemente letal²⁰.

Com base nestes paralelismos e no aparecimento anterior do sistema soviético, alguns especialistas sugeriram que os nazis se limitaram a pegar na ideia do campo de concentração soviético – uma afirmação enganadora, mas que é quase tão antiga como os próprios campos SS²¹. Existem dois problemas específicos. Primeiro, houve diferenças profundas entre os dois sistemas concentracionários. Por exemplo, os campos soviéticos foram inicialmente mais letais, mas os KL tornaram-se posteriormente mais radicais e desenvolveram-se em linhas muito mais mortíferas que culminaram no complexo de extermínio de Auschwitz, sem

paralelo na URSS nem em mais nenhum lugar. Os presos do NKVD tinham mais probabilidades de ser libertados do que de morrer, o contrário do que aconteceu com os presos dos campos de concentração SS durante a guerra. Cerca de 90% dos presos do Gulag sobreviveram; nos KL, terá provavelmente sobrevivido menos de metade dos presos registados. Tal como referiu a filósofa Hannah Arendt no seu estudo pioneiro sobre o totalitarismo, os campos soviéticos eram o purgatório, os nazis eram o inferno puro e duro²². Segundo, não existem muitas provas de que os nazis tenham copiado os soviéticos. É certo que a SS estava atenta à repressão soviética no Gulag, em especial depois da invasão alemã, no verão de 1941: os dirigentes nazis ponderaram assumir o controlo dos «campos de concentração dos russos», nas suas palavras, e enviaram um sumário sobre a organização e as condições dos «campos de concentração» soviéticos aos comandantes dos KL²³. Num âmbito mais geral, a violência real e imaginada dos bolcheviques na União Soviética serviu de ponto de referência permanente durante o Terceiro Reich. Em Dachau, as autoridades SS disseram aos primeiros guardas SS, em 1933, para atuarem de forma tão brutal como a Cheka (organização de segurança) tinha atuado na URSS. Anos mais tarde, em Auschwitz, os SS chamavam a um dos seus instrumentos de tortura mais cruéis o «baloio de Estaline»²⁴.

No entanto, não se deve confundir um interesse geral no terror soviético com influência. O regime nazi não se inspirou no Gulag em nenhum aspeto de monta e é difícil imaginar que a história dos campos de concentração SS teria sido substancialmente diferente caso o Gulag nunca tivesse existido. Os KL foram principalmente gerados na Alemanha, tal como o Gulag foi principalmente um produto do regime soviético. Houve obviamente semelhanças, mas as diferenças foram muitas mais; ambos os sistemas concentracionários tiveram as suas próprias forma e funções, moldadas por práticas, propósitos e precedentes nacionais específicos. Um estudo das comparações e ligações internacionais poderá facultar perspetivas interessantes, mas não cabe no âmbito deste livro; o que se segue é a história dos campos de concentração SS, com olhares ocasionais para os territórios não controlados pelos nazis.

História e memória

«Creio que no futuro, quando se usarem as palavras “campo de concentração”, pensaremos única e exclusivamente na Alemanha de Hitler». Assim escreveu Victor Klemperer no seu diário, no outono de 1933, poucos meses depois de Dachau receber os primeiros presos e muito antes de os campos SS descambarem para o assassinio em massa²⁵. Klemperer, um judeu alemão liberal e professor de Filologia em Dresda, foi um dos observadores mais perspicazes da ditadura nazi e a sua previsão revelou-se presciente. Hoje em dia,

os KL são sinónimos de «campos de concentração». Além do mais, os campos tornaram-se símbolos do Terceiro Reich e ocupam um lugar cimeiro no quadro de honra da infâmia. Nos últimos anos, apareceram em quase todo o lado, em filmes e documentários de grande sucesso, em romances e bandas desenhadas campeões de vendas, em memórias e livros académicos, em peças de teatro e obras de arte; se procurarmos «Auschwitz» no Google, obtemos para cima de sete milhões de resultados²⁶.

A necessidade de compreender os campos de concentração manifestou-se cedo. Os campos ocuparam a ribalta no pós-guerra, a começar com a ofensiva dos meios de comunicação social dos Aliados, em abril e maio de 1945. A imprensa soviética não deu muita importância à libertação de Auschwitz, poucos meses antes – uma das razões pelas quais o campo permaneceu inicialmente periférico no discurso popular –, pelo que só com a libertação de Dachau, Buchenwald e Bergen-Belsen pelos Aliados ocidentais é que os KL chegaram às primeiras páginas dos jornais da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de outros países; uma reportagem australiana descreveu a Alemanha em 1945 como «o país dos campos de concentração». Os campos surgiram em programas de rádio, filmes de atualidades, suplementos de revistas, panfletos, exposições e discursos. E estes relatos, embora carecessem de perspetiva histórica, transmitiram a dimensão dos horrores descobertos nos campos; num inquérito realizado em maio de 1945, o americano comum calculou em cerca de um milhão os presos mortos nos campos de concentração.

No entanto, as revelações dos meios de comunicação social não deviam ter provocado um choque total. As atrocidades perpetradas nos KL tinham sido relatadas no estrangeiro desde os primeiros dias do regime nazi – por vezes em relatos escritos no exílio por ex-detidos ou pelos parentes de presos assassinados – e os Aliados tinham recebido informações vitais durante a guerra. Porém, a realidade revelou-se muito pior do que quase toda a gente esperava. Como que para compensar esta falta de imaginação, os líderes aliados encorajaram jornalistas, militares e políticos a visitar os campos libertados. Para eles, os campos confirmavam que a guerra era absolutamente justa. «Dachau explica porque lutámos», declarou um boletim noticioso do Exército americano, em maio de 1945, fazendo eco dos sentimentos do general Eisenhower. Além disso, os Aliados usaram os campos para confrontar a população alemã com a sua cumplicidade, inaugurando uma campanha de reeducação que prosseguiu nos meses seguintes, quando começaram os primeiros julgamentos dos criminosos SS²⁷.

Ao mesmo tempo, os sobreviventes contribuíram para chamar a atenção do público para os KL. Ao contrário do que muitas vezes se diz, não ficaram num silêncio atordoado²⁸. Na verdade, após a libertação, ergueu-se um coro alto e polifónico. Durante o seu sofrimento, os presos tinham sonhado em testemunhar. Alguns até escreveram diários em segredo. O cronista mais diligente de Dachau foi provavelmente um preso político alemão chamado Edgar Kupfer.

Valendo-se das suas funções nos escritórios do campo e da reputação de solitário que tinha junto dos outros reclusos, a partir de finais de 1942 Kupfer escreveu em segredo mais de 1800 páginas. Kupfer, que era um inconformista e que antes da sua detenção, em 1940, por ter criticado o regime nazi, trabalhara como guia turístico, concebeu o seu livro como uma grande visita guiada a Dachau. Ele sabia que os SS o assassinariam caso descobrissem o seu segredo, mas conseguiu sobreviver e as suas notas também; no verão de 1945, ainda mal recuperado, dactilografou o seu manuscrito, deixando-o pronto para publicação²⁹.

Outros homens, mulheres e crianças libertados também ansiavam por contar a sua história, agora que eram livres de falar. Alguns começaram de imediato, ainda nos campos; até os doentes agarravam as mangas do pessoal médico aliado que passava para chamar a sua atenção. Os sobreviventes não tardaram a coordenar os seus esforços. Tinham de trabalhar em conjunto para alertar a «opinião pública mundial», disse um ex-detido a outros sobreviventes em Mauthausen, no dia 7 de maio de 1945. Decorridos dias sobre a libertação, os sobreviventes começaram a elaborar relatórios coletivos³⁰. Pouco depois de os ex-reclusos abandonarem os campos, surgiram milhares de relatos. Por exemplo, os sobreviventes judeus depuseram perante comissões de historiadores dedicadas à comemoração e à investigação, culminando na primeira conferência internacional de sobreviventes do Holocausto, em Paris, em 1947, na qual participaram delegados de 13 países. Os sobreviventes também foram encorajados a testemunhar pelas forças de ocupação, por governos estrangeiros e por ONG, para contribuírem para a punição dos criminosos e para preservar a memória dos campos³¹. Alguns destes relatos apareceram posteriormente em jornais ou panfletos³². Outros sobreviventes escreveram para serem publicados. Foi o caso do jovem judeu italiano Primo Levi, que sobreviveu a quase um ano em Auschwitz. «Todos nós, os sobreviventes», escreveu ele, «logo que regressámos a casa, transformámo-nos em narradores incansáveis, imperiosos e maníacos». Escrevendo quase em qualquer lugar, de noite e de dia, Levi terminou o seu livro *Se Isto É Um Homem* em poucos meses; foi publicado em Itália em 1947³³.

Nos primeiros anos do pós-guerra, a Europa e outros lugares foram atingidos por uma vaga de memórias, na sua maioria testemunhos individuais lancinantes de sofrimento e sobrevivência³⁴. Alguns ex-detidos também refletiram sobre temas mais abrangentes, escrevendo estudos pioneiros importantes sobre o sistema concentracionário e as experiências dos presos numa perspetiva sociológica ou psicológica³⁵. Outros sobreviventes produziram esboços históricos sobre campos específicos ou expressaram a sua dor em poemas e relatos ficcionados³⁶. A maioria destas obras iniciais, incluindo a de Primo Levi, gerou poucas ondas, mas outras provocaram maremotos. Em vários países europeus, surgiram relatos de sobreviventes que alcançaram um grande êxito. Na Alemanha em ruínas, foram publicados livros e panfletos para o mercado de massas e outros relatos foram publicados em fascículos por jornais de grande circulação.

O mais influente foi um estudo geral do sistema concentracionário (centrado em Buchenwald) pelo ex-presos político Eugen Kogon, que moldou a concepção popular durante anos; publicado em 1946, vendeu 135 000 exemplares no primeiro ano e pouco depois foi traduzido para outras línguas, tal como outros relatos iniciais de sobreviventes³⁷.

Porém, em finais dos anos 40, aquando da edição americana, o editor de Kogon, Roger Strauss, que acreditava apaixonadamente no livro, mostrou-se preocupado com «a apatia do público em relação a ler este tipo de coisa»³⁸. O interesse popular pelos KL – que tinha acompanhado a libertação e algumas das primeiras memórias e julgamentos de criminosos – estava a desvanecer em ambos os lados do Atlântico. Tratava-se, em parte, de um simples caso de saturação, depois da torrente inicial de relatos explícitos. De modo mais geral, a memória pública dos campos estava a ser marginalizada pela reconstrução e pela diplomacia do pós-guerra. Com a linha da frente da Guerra Fria a passar diretamente pela Alemanha e a transformar os dois novos, e opostos, Estados alemães em aliados estratégicos da URSS e dos Estados Unidos, falar nos crimes dos nazis não era politicamente correto. «Hoje em dia, falar nos campos de concentração é de mau gosto», escreveu Primo Levi em 1955, e acrescentou: «prevalece o silêncio». Dez anos após a libertação, os campos tinham passado para segundo plano – não porque os sobreviventes não conseguissem falar, mas porque a generalidade do público não estava interessada em ouvi-los. Mas alguns ex-reclusos procuraram manter viva a memória dos campos. «Se nos calarmos, quem falará?», perguntou Levi, furioso. Outro sobrevivente que perseverou face à indiferença geral foi Edgar Kupfer, cujo livro sobre Dachau foi finalmente publicado na Alemanha em 1956, embora numa versão bastante abreviada. Porém, não obstante algumas críticas positivas, causou pouca sensação e nenhuma editora estrangeira lhe pegou, «com medo que o público não compre», concluiu desalentado o autor³⁹.

O interesse popular pelos campos de concentração foi reavivado nos anos 60 e 70. Os grandes julgamentos de criminosos nazis, tais como, em 1961, o julgamento, pelos israelitas, de Adolf Eichmann, o oficial SS que supervisionou as deportações de judeus para Auschwitz, e filmes sensacionais como a mini-série americana *Holocausto* (em 1978, e transmitida para um vasto público na Alemanha Ocidental no ano seguinte), desempenharam um papel importante para confrontar o público com o regime nazi e os seus campos. Foram também redescobertas algumas das primeiras memórias sobre os KL, entre as quais a obra-prima de Primo Levi sobre Auschwitz, que entrou para o cânone da literatura moderna. Ao mesmo tempo, surgiu uma nova vaga de testemunhos de sobreviventes. Esta torrente não parou de engrossar – por exemplo, os diários completos de Edgar Kupfer sobre Dachau foram finalmente publicados em 1997 – e só agora começa a diminuir, com o desaparecimento das últimas testemunhas⁴⁰. Os sobreviventes também continuaram a explorar o desenvolvimento

deste ou daquele campo, produzindo edições de fontes e monografias históricas⁴¹. E tal como no início do pós-guerra, os ex-detidos foram muito além da escrita histórica, criando um acervo extraordinariamente rico de estudos médicos, sociológicos, psicológicos e filosóficos e reflexões literárias e obras de arte⁴².

Num contraste acentuado com os sobreviventes, a generalidade da comunidade académica demorou a dedicar-se aos KL. Em finais dos anos 40 e nos anos 50 apareceram alguns estudos especializados, em especial sobre os aspetos médicos⁴³, mas só nos anos 60 e 70 é que os historiadores começaram a publicar estudos preliminares sobre alguns campos nazis e o complexo dos KL, com base em investigações documentais. As obras mais influentes foram escritas por dois jovens académicos alemães: o estudo pioneiro de Martin Broszat sobre o desenvolvimento do sistema concentracionário e o poderoso estudo de Falk Pingel sobre a vida nos campos⁴⁴. Estas análises históricas foram ampliadas com trabalhos de especialistas de outras disciplinas sobre temas como a mente dos criminosos e a experiência da sobrevivência⁴⁵.

Apesar das suas inevitáveis deficiências, estes primeiros estudos foram contributos importantes para o conhecimento dos campos de concentração SS. No entanto, permaneceram exceções e apenas puderam esboçar contornos. Em 1970, o próprio Broszat concluiu que era pura e simplesmente impossível escrever uma história geral dos campos dada a inexistência de investigações minuciosas⁴⁶. Este vazio deveu-se, de forma paradoxal e pelo menos em parte, à convicção, errónea, de que não havia muito mais para aprender sobre os campos, um pressuposto partilhado inclusivamente por alguns observadores perspicazes⁴⁷. Na verdade, os académicos estavam apenas a começar a descobrir os KL.

O conhecimento histórico avançou rapidamente nas décadas de 80 e 90, sobretudo na própria Alemanha. Com a história de iniciativa popular em ascensão, os ativistas vasculharam os registos dos antigos campos de concentração localizados na sua vizinhança. Entretanto, os museus criados nos campos evoluíram de simples lugares de memória para lugares de conhecimento especializado. A abertura dos arquivos da Europa de Leste, depois do fim da Guerra Fria, deu novo ímpeto à investigação. Entretanto, uma geração mais nova de académicos, com um passado imaculado, começou a descobrir o Terceiro Reich como objeto de investigação e consagrou o estudo dos campos como domínio historiográfico distinto, produzindo obras importantes como o estudo de Karin Orth sobre a organização e estrutura dos KL⁴⁸. Depois de tanto tempo ignorado, o estudo dos campos de concentração SS entrou em franca expansão, pelo menos na Alemanha (poucos estudos foram traduzidos)⁴⁹.

Este crescimento não dá sinais de abrandar e a investigação histórica continua a expandir-se a passos largos. Surgem novas perspectivas à medida que aprendemos mais sobre este ou aquele criminoso, grupo de reclusos ou campo, sobre o princípio e o fim do sistema concentracionário SS, sobre o ambiente em torno de cada campo, sobre o trabalho forçado e a política de extermínio.

A totalidade dos estudos importantes sobre os KL publicados antes de finais da década de 70 cabe numa prateleira, ao passo que para reunir os trabalhos publicados desde então é necessária uma pequena biblioteca⁵⁰.

A investigação académica recente culminou em duas enormes enciclopédias – com mais de 1600 e 4100 páginas respetivamente – que sumarizam o desenvolvimento de todos os campos principais e satélites; os verbetes foram escritos por mais de 150 historiadores de todo o mundo⁵¹. Estas duas obras indispensáveis demonstram a amplitude dos conhecimentos académicos contemporâneos, mas também indicam os seus limites. Mais importante ainda, o manancial dos estudos especializados fragmentou muitíssimo o retrato dos campos de concentração SS. Dantes era impossível ver o sistema concentracionário no seu todo porque faltavam muitos pormenores, mas agora é quase impossível ver o encaixe de todos os elementos; olhar para os estudos recentes é como olhar para um gigantesco *puzzle* inacabado ao qual são constantemente acrescentadas peças. Não admira que as conclusões das novas histórias dos KL não tenham geralmente alcançado um público mais vasto.

Por conseguinte, as imagens dos campos de concentração nazis continuam a ser bastante unidimensionais. Em vez dos pormenores complexos e dos matices subtis do conhecimento histórico académico, vemos grandes pinceladas e cores garridas. Acima de tudo, as conceções populares são dominadas pelas imagens duras de Auschwitz e do Holocausto, que tornaram este campo um «lugar de memória global», nas palavras do historiador Peter Reichel⁵². Nem sempre foi assim. Nas primeiras décadas do pós-guerra, o terror antijudeu foi «abafado» pela destruição geral provocada pelo nazismo; Auschwitz era apenas um dos muitos lugares de sofrimento. A consciencialização da singularidade e da enormidade da guerra nazi aos judeus aumentou bastante desde então e hoje o Terceiro Reich é visto, em grande medida, pelo prisma do Holocausto⁵³. Por sua vez, os campos de concentração SS passaram a estar estreitamente identificados com Auschwitz e as suas vítimas judias, obscurecendo outros campos e outras vítimas. Segundo uma sondagem alemã, Auschwitz é, de longe, o KL mais conhecido, e a esmagadora maioria dos inquiridos associou os campos à perseguição dos judeus; em contraste, menos de 10% das respostas mencionaram como vítimas os comunistas, os criminosos de delito comum ou os homossexuais⁵⁴. Por conseguinte, os campos de concentração, Auschwitz e o Holocausto fundiram-se na memória popular.

Mas Auschwitz nunca foi sinónimo dos campos de concentração nazi. É verdade que na qualidade de maior e mais letal dos campos – de longe – ocupou um lugar especial no sistema dos KL, mas o sistema foi sempre mais do que Auschwitz. Auschwitz esteve estreitamente integrado na rede de KL e foi precedido e moldado por outros campos. Por exemplo, quando Auschwitz foi criado, Dachau já existia há mais de sete anos e influenciou-o claramente. Além disso, apesar do seu tamanho inédito, a maioria dos presos registados nos KL – ou

seja, os reclusos encarcerados nos barracões e obrigados ao trabalho escravo – estava noutros lugares; mesmo durante o seu período de maior dimensão, Auschwitz não alojou mais de um terço dos reclusos dos KL. E a esmagadora maioria dos presos também morreu noutros lugares: estima-se que cerca de três quartos dos reclusos registados morreram noutros campos. Por conseguinte, importa desmistificar Auschwitz na conceção popular dos campos, embora se deva sublinhar o seu papel singularmente destrutivo⁵⁵.

Além disso, os campos de concentração não foram sinónimo do Holocausto, embora as respetivas histórias estejam interligadas. Primeiro, o terror antijudeu manifestou-se principalmente fora dos KL; só no último ano da Segunda Guerra Mundial é que a maioria dos judeus que restavam se viu num campo de concentração. A grande maioria dos 5-6 milhões de judeus assassinados pelo regime nazi pereceu noutros lugares, abatida a tiro em valas e campos espalhados pela Europa de Leste ou gaseada em campos de extermínio específicos como Treblinka, que operou à margem do sistema de KL. Segundo, os campos de concentração estiveram sempre apontados a diversos grupos de vítimas e com a exceção de algumas semanas, em finais de 1938, os judeus nunca constituíram a maioria dos presos registados. De facto, durante a maior parte do Terceiro Reich, foram uma parte relativamente pequena e mesmo depois do aumento acentuado do seu número, na segunda metade da guerra, os judeus nunca foram mais do que talvez 30% da população prisional registada nos campos. Terceiro, os campos de concentração utilizaram muitas armas diferentes além do extermínio em massa. Tiveram múltiplos propósitos, que evoluíram e se sobrepuseram constantemente. Nos anos anteriores à guerra, a SS usou-os como campos de recruta, ameaças dissuasoras, reformatórios, reservas de mão-de-obra forçada e câmaras de tortura, e durante a guerra acrescentou-lhes novas funções, promovendo-os como centros de produção de armamento, de execuções e de experiências em seres humanos. Os campos foram definidos pela sua natureza multifacetada, um aspeto crucial que não consta na maioria das memórias populares⁵⁶.

As meditações de cariz mais filosófico sobre os campos de concentração também têm sido frequentemente redutoras. Desde o fim do regime nazi, pensadores de vulto procuraram verdades escondidas e investiram os campos de um significado profundo, quer para validarem as suas próprias convicções morais, políticas ou religiosas, quer para compreenderem algo de essencial acerca da condição humana⁵⁷. Esta busca de significado é obviamente compreensível porque o choque que os KL causaram na crença no progresso e na civilização tornou-os emblemas da capacidade da humanidade para a desumanidade. «Todas as filosofias assentes na bondade intrínseca do homem ficarão abaladas até às fundações para sempre por causa deles», avisou o romancista francês François Mauriac, em finais dos anos 50. Alguns escritores atribuíram aos campos uma qualidade quase misteriosa. Outros chegaram a conclusões

mais concretas, descrevendo os KL como produtos de uma mentalidade alemã peculiar ou do lado negro da modernidade⁵⁸. Um dos contributos mais importantes veio do sociólogo Wolfgang Sofsky, que retrata os campos de concentração como uma manifestação de «poder absoluto», para lá da racionalidade ou da ideologia⁵⁹. Todavia, este estudo estimulante padece das mesmas limitações de outras reflexões gerais sobre os campos. Na sua demanda de respostas universais, transforma os campos em entidades intemporais e abstratas; o campo arquetípico de Sofsky é uma construção totalmente a-histórica que obscurece a característica nuclear do sistema concentracionário – a sua natureza dinâmica⁶⁰.

Tudo isto leva a uma conclusão surpreendente. Mais de 80 anos decorridos sobre a fundação de Dachau, não existe nenhuma história panóptica dos KL. Apesar da enorme bibliografia existente – da autoria de sobreviventes, historiadores e outros especialistas –, não há nenhuma história abrangente que registre o desenvolvimento dos campos de concentração e as experiências mutáveis dos seus residentes. Falta um estudo que capte a complexidade dos campos sem fragmentar e que os coloque no seu contexto político e cultural mais lato sem se tornar redutor. Mas como escrever semelhante história dos KL?

As abordagens

Para esquecerem o presente, os cativos da SS falavam no futuro. Em 1944, durante alguns dias, o debate entre um grupo de judias deportadas da Hungria para Auschwitz centrou-se numa pergunta fundamental: se sobrevivessem, como poderiam transmitir às pessoas de fora o que lhes tinha acontecido? Haveria algum meio que lhes permitisse expressar o que Auschwitz significava? Talvez a música? Ou discursos, livros, obras de arte? Ou talvez um filme sobre o trajeto de um preso para o crematório, com o público obrigado a ficar em sentido à entrada dos cinemas, antes do filme, sem roupas quentes, sem comer nem beber, como os presos durante a contagem? Mas as mulheres rezearam que nem sequer isso conseguisse transmitir como era realmente a sua vida⁶¹. Os presos de outros campos de concentração SS chegaram a conclusões semelhantes. Por exemplo, os que escreviam diários secretos angustiaram-se frequentemente com as limitações do testemunho. «A língua está esgotada», escreveu o norueguês Odd Nansen, a 12 de fevereiro de 1945. «Não restam palavras para descrever os horrores que vi com os meus próprios olhos.» Contudo, Nansen continuou a escrever quase todos os dias⁶². Este dilema – a necessidade de narrar o inenarrável – tornou-se ainda mais agudo depois da libertação, com muitos sobreviventes a debater-se para falar sobre crimes que pareciam derrotar a linguagem e desafiar a razão⁶³.

A questão de como enquadrar o passado também é obviamente central para os historiadores. Escrever história é sempre bastante difícil e estes problemas

agravam-se no caso do terror nazi. Para começar, nenhum método histórico pode captar todo o horror dos campos. Em termos mais gerais, é difícil encontrar a linguagem apropriada e isto tem apoucado os especialistas e outros cronistas tanto como os sobreviventes. «Contei o que vi e ouvi, mas apenas uma parte», concluiu o radialista Edward R. Murrow, da CBS, ao terminar a sua célebre reportagem emitida de Buchenwald, no dia 15 de abril de 1945. «Não tenho palavras para a maior parte das coisas que aconteceram»⁶⁴. Mas há que tentar. Se os historiadores se calarem, muita da história dos campos cairá de imediato nas mãos dos excêntricos, dos diletantes e dos negacionistas⁶⁵.

O modo mais eficaz de escrever uma história abrangente dos KL é na forma de uma história integrada, uma abordagem avançada por Saul Friedländer para ligar «as políticas dos criminosos, as atitudes da sociedade e o mundo das vítimas». No caso dos campos SS, isto significa uma história que examine os residentes nos campos e a população residente no exterior; uma história que combine uma macroanálise do terror nazi com microestudos sobre as ações e reações individuais; uma história que mostre a sincronia dos eventos e a complexidade do sistema concentracionário SS através do contraste dos desenvolvimentos entre e dentro dos campos em toda a Europa controlada pelos nazis⁶⁶. A urdidura destes diferentes filamentos resultará numa história matizada e expansiva, apesar de nunca poder ser plenamente exaustiva ou definitiva. Por muito abrangente que seja, será sempre *uma* e não *a* história dos KL.

Para criar esta história integrada, o presente livro vê os campos de concentração SS de duas perspetivas diferentes que se fundem numa só imagem. A primeira centra-se – amiúde de forma muito próxima – na vida e na morte nos campos, examinando as fundações do microcosmos do campo – condições, trabalho forçado, punições, etc. – e as suas alterações com o tempo. Para ir além das abstrações, grande parte desta história é contada pelo prisma dos indivíduos que a fizeram: os que administraram os campos e os que neles sofreram⁶⁷.

Várias dezenas de milhares de homens e mulheres – talvez 60 000 ou mais – serviram nos campos de concentração SS⁶⁸. No imaginário popular, os guardas surgem frequentemente como sádicos transtornados, uma imagem que decorre da sua representação nas memórias de ex-detidos, onde têm alcunhas como «besta», «quebra-ossos» e «sabujo»⁶⁹. Alguns guardas encaixam nestas descrições, mas este livro, inspirado nas recentes investigações sobre os criminosos nazis, apresenta um retrato mais complexo⁷⁰. Os antecedentes e o comportamento do pessoal SS foram muitíssimo variados e modificaram-se durante a vida do Terceiro Reich. Nem todos os guardas cometeram excessos e só alguns foram impelidos por anormalidades do foro psicológico. Tal como Primo Levi reconheceu há muito, os criminosos também eram seres humanos: «Existem monstros, mas são muito poucos para serem verdadeiramente perigosos. Mais perigosos são os homens comuns»⁷¹. Mas quão «comuns»

eram os guardas? Que objetivo teve a sua violência? O que os levou a extremos de brutalidade? O que não levou outros? E as guardas agiram de forma diferente dos homens?

Tal como não existiu o criminoso típico, também não existiu o preso típico. É verdade que o terror SS procurou despojar os reclusos da sua individualidade, mas por baixo dos seus uniformes idênticos cada um viveu o campo de forma diferente; o sofrimento foi universal mas não foi igual⁷². As vidas dos presos foram influenciadas por muitas variáveis, em especial quando foram e onde estavam detidos (apesar de indivíduos no mesmo espaço físico e temporal parecerem muitas vezes viver em planos diferentes)⁷³. Outro factor crucial foi a posição do recluso. Os chamados *Kapos*, que adquiriram poder sobre os demais presos ao desempenharem funções oficiais atribuídas pelos SS, beneficiavam de privilégios especiais – mas à custa de participarem na administração do campo, toldando as categorias convencionais de vítima e criminoso⁷⁴. As características de um preso – etnia, género, religião, política, profissão e idade – também influenciaram bastante o seu comportamento e as suas opções, bem como o seu tratamento às mãos dos SS e dos outros reclusos. Os presos formavam grupos diferentes e as histórias destes grupos e das suas relações entre si e com os SS devem ser exploradas.

Ao fazê-lo, não se deve ver exclusivamente os presos como objetos do terror SS, mas também como atores. Alguns especialistas retratam os presos como autómatos inexpressivos e apáticos, despojados de livre-arbítrio. O domínio absoluto dos SS tinha extinguido a centelha da vida, escreveu Hannah Arendt, transformando os presos em «marionetas macabras de rosto humano». Mas mesmo no ambiente excecional do KL, os reclusos mantiveram frequentemente alguma capacidade de ação, ainda que pequena e restrita, e um olhar atento aos seus atos revela fissuras na armadura da supremacia total SS. Ao mesmo tempo, devemos resistir à tentação de tornar o nosso encontro com os campos de concentração mais suportável santificando os presos, imaginando-os unidos, imaculados e insubmissos. A maior parte da história dos reclusos não é um relato inspirador do triunfo do espírito humano, mas sim uma narrativa de degradação e desespero. «O encarceramento no campo, as privações, a tortura e a morte na câmara de gás não são heroísmo», alertaram três sobreviventes polacos de Auschwitz em 1946, num livro encadernado com fragmentos de uniformes de detidos⁷⁵.

O terror no interior dos KL só poder ser plenamente compreendido olhando para além do arame farpado. Afinal de contas, os campos foram um produto do regime nazi. A composição da população prisional e as condições e tratamento dos reclusos foram influenciados por forças externas e estas forças devem ser cuidadosamente examinadas. Isto constitui a segunda perspetiva deste estudo, que olha – ainda que através de um prisma muito maior – para o curso do Terceiro Reich e para o lugar que os campos nele ocuparam. A história dos campos de concentração esteve ligada aos desenvolvimentos políticos, económicos e

militares. Os campos fizeram parte do tecido social, não apenas como símbolos de repressão, mas como lugares reais; não ocuparam um reino metafísico, como sugeriram alguns estudos; localizaram-se em aldeias, vilas e cidades.

Mais importante ainda, os campos de concentração SS integraram uma rede de terror nazi que englobava outros órgãos repressivos, tais como a polícia e os tribunais, e outros lugares de detenção, como as prisões, os guetos e os campos de trabalho. Estes lugares de detenção tiveram frequentemente ligações com os campos de concentração e comungaram de algumas das suas características gerais⁷⁶. Todavia, não obstante a importância destas ligações, há que sublinhar a singularidade dos KL e o seu forte poder de atração. Para muitas vítimas, os campos de concentração foram a última etapa de uma viagem de tormento. Os campos receberam inúmeros transportes de presos provenientes de outros lugares de detenção, mas poucos seguiram na direção oposta. Em 1957, em Buenos Aires, ao evocar os campos de concentração, o fugitivo Adolf Eichmann disse a outros simpatizantes nazis: «Entrar é muito fácil... sair é muitíssimo difícil»⁷⁷.

As fontes

Quem escreve sobre os KL vê-se perante um paradoxo: a quantidade de documentação disponível é ao mesmo tempo gigantesca e insuficiente. Desde o seu desaparecimento, o Terceiro Reich tem sido estudado mais detalhadamente do que qualquer outra ditadura moderna, e poucos – se é que algum – dos seus aspetos geraram mais publicações do que os campos de concentração. Existem dezenas de milhares de testemunhos e estudos e um número ainda maior de documentos originais dispersos por todo o mundo. Ninguém consegue dominar plenamente todo este material⁷⁸. Ao mesmo tempo, há lacunas óbvias, quer no registo histórico, quer na bibliografia académica. Apesar da sua enorme dimensão, os trabalhos académicos recentes têm sido seletivos, ignorando alguns aspetos cruciais⁷⁹. No que diz respeito às fontes primárias, os SS trataram de destruir o grosso dos seus arquivos no fim da Segunda Guerra Mundial e Himmler e outros oficiais morreram antes de poderem ser interrogados, levando alguns segredos para a cova⁸⁰.

Os relatos dos sobreviventes também são inevitavelmente incompletos. O preso comum raramente vislumbrou o conjunto do sistema de campos. Veja-se o caso de Walter Winter, um cigano alemão deportado para Auschwitz na primavera de 1943. Nunca saiu do chamado «campo dos ciganos». Só quando regressou como homem livre, mais de 40 anos depois, é que se apercebeu das enormes dimensões do complexo do campo⁸¹. Além disso, os testemunhos disponíveis também não são plenamente representativos. Muitos detidos não sobreviveram. Por exemplo, nenhum preso judeu falou sobre a vida em Gusen, um subcampo de Mauthausen, entre 1940 e 1943, porque nenhum sobreviveu.

Pertencem à massa dos «sucumbidos», como lhes chamou Primo Levi, que nunca serão ouvidos⁸². E há também os que se salvaram, mas não tiveram voz ou não conseguiram recordar⁸³. Por exemplo, o estigma associado aos marginais fez com que poucos falassem após a libertação. As primeiras memórias de um preso de delito comum só foram publicadas em 2014, a título póstumo, e ele não revelou os seus antecedentes, fingindo ter sido detido por motivos políticos⁸⁴. A maioria dos ex-detidos da URSS também se viu condenada ao silêncio porque as autoridades soviéticas os consideraram durante muito tempo colaboradores potenciais dos nazis⁸⁵.

No entanto, uma história integrada dos KL exige uma abordagem abrangente. Por conseguinte, este livro bebe no gigantesco acervo de conhecimentos académicos, conjugando as suas principais conclusões. Só agora, graças aos feitos imensos da investigação recente, é possível iniciar semelhante projeto. Todavia, uma mera síntese dos estudos existentes não seria suficiente. Para aprofundar a nossa compreensão do KL, para colmatar as lacunas dos nossos conhecimentos e para dar uma voz mais clara aos presos e aos criminosos, este estudo também recorre extensamente a fontes primárias. Apoia-se numa vasta gama de registos SS e policiais, incluindo circulares, ordens e fichas de detidos⁸⁶. Alguns destes materiais só recentemente ficaram disponíveis, depois de estarem fechados durante décadas em arquivos russos, alemães e britânicos, e muitos documentos são aqui citados pela primeira vez⁸⁷.

O material contemporâneo produzido pelos reclusos constitui outra fonte primária preciosa. Os presos procuraram sempre obter informações. Primeiro, e sobretudo, por motivos de sobrevivência, dado que as indicações sobre as intenções dos SS podiam salvar vidas. Todavia, alguns reclusos também pensaram na posteridade. Por exemplo, a vida dos detidos e o seu estado de espírito foram documentados com desenhos e pinturas⁸⁸. Os presos também tiraram fotografias às escondidas e roubaram fotos tiradas pelos SS⁸⁹. Ainda mais importantes são os registos escritos. Alguns reclusos privilegiados roubaram ou transcreveram documentos da SS. Por exemplo, entre finais de 1939 e a primavera de 1943, Emil Büge, detido em Sachsenhausen, copiou registos confidenciais em papel muito fino e colou-os no interior do seu estojo dos óculos (sobreviveram quase 1500 notas)⁹⁰. Outros presos mantiveram diários secretos, como vimos no caso de Edgar Kupfer, e depois da guerra apareceram dezenas destes registos; ou escreveram relatórios e cartas secretos, que esconderam no campo ou passaram clandestinamente para o exterior⁹¹. Estes relatos podem ser complementados com os testemunhos de presos evadidos ou libertados, registados antes de 1945⁹². As fontes contemporâneas como estas são preciosas porque proporcionam um olhar direto sobre os detidos. Criadas à sombra dos campos, revelam os receios imediatos, as esperanças e as incertezas dos presos, que as escreveram sem saber o que lhes iria acontecer nem como os KL seriam compreendidos e recordados depois da guerra⁹³.

Porém, a esmagadora maioria dos detidos só pôde testemunhar depois da libertação. Cada um dos seus relatos é único e seria impossível tê-los a todos em conta. Este estudo usa uma amostra de centenas de memórias e entrevistas publicadas e não publicadas de sobreviventes com muitos antecedentes diferentes. Baseia-se principalmente em testemunhos dos primeiros meses e anos após a libertação, quando os acontecimentos ainda estavam frescos na memória dos sobreviventes e era menos provável que se sobrepussem às memórias coletivas dos KL⁹⁴. Eis um exemplo da maleabilidade da memória: quando Josef Mengele, médico de Auschwitz, ganhou notoriedade depois da guerra, o seu rosto começou a figurar num número cada vez maior de recordações de presos que nunca o tinham conhecido.⁹⁵ Mas seria errado ignorar por completo os testemunhos mais recentes, até porque o significado de alguns acontecimentos só se revelou com a passagem do tempo. E embora muitos sobreviventes tenham falado logo e com bastante franqueza, outros só conseguiram evocar as suas recordações mais dolorosas décadas mais tarde – ou nunca conseguiram⁹⁶.

O material reunido para os julgamentos pós-guerra constitui outra fonte importante para este estudo. Centenas de guardas SS foram presentes aos tribunais dos Aliados no pós-guerra imediato e mais tarde realizaram-se outros julgamentos. A acusação recolheu documentos originais para os processos e interrogou ex-reclusos, incluindo alguns de grupos esquecidos⁹⁷. Embora estes depoimentos de sobreviventes coloquem desafios metodológicos, facultam mais algumas peças para o nosso *puzzle* dos KL⁹⁸. Além do mais, os registos dos julgamentos são indispensáveis para analisar os criminosos. Regra geral, os guardas SS não escreveram memórias nem deram entrevistas depois da guerra, preferindo não dar nas vistas e desaparecer⁹⁹. Só os tribunais podiam obrigá-los a quebrar o silêncio. É claro que as suas declarações devem ser lidas com reservas, separando a verdade das evasivas e das mentiras¹⁰⁰, mas os seus testemunhos esclarecem a mentalidade dos escalões mais baixos da SS, que cometeram a maior parte da violência quotidiana, mas deixaram poucos traços no registo histórico.

A estrutura

A constante principal dos KL foi a mudança. É certo que houve continuidades de um período para outro, mas os campos seguiram um rumo irregular, com muitas voltas e reviravoltas durante pouco mais de uma década. Só uma narrativa essencialmente cronológica pode captar esta fluidez. Por conseguinte, este estudo começa com um relato das origens (Capítulo 1), do estabelecimento (Capítulo 2) e da expansão (Capítulo 3) do sistema concentracionário antes da guerra, entre 1933 e 1939. O retrato da primeira metade da existência dos campos – quando a maioria dos detidos era libertada depois de um período de

sofrimento – é amiúde obscurecido pelas cenas posteriores de morte e devastação ocorridas durante a guerra¹⁰¹, mas é essencial para examinar o que «prece-deu o que não tinha precedentes», nas palavras da historiadora Jane Caplan¹⁰². Os campos anteriores à guerra deixaram um legado premonitório para o terror desregrado durante a guerra e a sua história é intrinsecamente importante porque proporciona novas perspetivas sobre o desenvolvimento da repressão nazi e sobre os caminhos que não foram trilhados¹⁰³.

A Segunda Guerra Mundial teve um impacto extraordinário no sistema concentracionário e constitui o contexto dos restantes capítulos do livro, a começar com a massificação dos assassinatos (Capítulo 4) e das execuções (Capítulo 5) da primeira fase do conflito, entre o ataque alemão à Polónia, no outono de 1939, e o fracasso da guerra-relâmpago contra a União Soviética, em finais de 1941. De seguida, o livro centra-se no Holocausto, examinando a transformação de Auschwitz num grande campo de morte (Capítulo 6) e a vida quotidiana dos presos e do pessoal SS nos territórios ocupados da Europa de Leste (Capítulo 7). O capítulo seguinte cobre o mesmo período de uma perspetiva diferente, explorando o desenvolvimento do sistema concentracionário em 1942-1943, em especial a sua ênfase cada vez maior no trabalho escravo (Capítulo 8). Este tema domina também o capítulo seguinte, que traça a rápida expansão dos campos-satélites em 1943-1944 e a exploração de centenas de milhares de reclusos em prol do esforço de guerra alemão (Capítulo 9). De seguida, o estudo centra-se nas comunidades de presos durante a guerra e nas escolhas frequentemente impossíveis com que os detidos se viam confrontados (Capítulo 10), para concluir com a destruição do Terceiro Reich e dos seus campos, em 1944-1945, no meio de um paroxismo final de violência (Capítulo 11).

Esta abordagem essencialmente cronológica sublinha uma característica fundamental do regime nazi. Embora o Terceiro Reich se tenha movido pelo que Hans Mommsen designou por «radicalização cumulativa», com o terror a aumentar com o tempo, este processo não foi de todo linear¹⁰⁴. O sistema dos KL não se expandiu como uma avalanche, ganhando um poder destrutivo na sua corrida para o abismo; por vezes, a sua trajetória abrandou e até se inverteu. As condições não foram sempre de mal para pior; pontualmente melhoraram, quer antes quer durante a guerra, mas depois deterioraram-se. Uma análise próxima deste desenvolvimento oferecerá novas perspetivas para a história dos campos, aliás, para história do regime nazi. O terror foi central para o Terceiro Reich e nenhuma instituição simbolizou mais plenamente o terror nazi do que o campo de concentração.

Os primeiros campos

«Com que então, queres-te enforcar?», perguntou o SS Steinbrenner ao entrar na cela de Hans Beimler, em Dachau, na tarde de 8 de maio de 1933. Steinbrenner, um homem alto, olhou de cima para baixo para o preso escanzelado, com o casaco castanho e calças curtas imundas. Tinha-o torturado dias e dias na prisão do campo, o chamado *bunker*. «Então presta atenção, que é para aprenderes como se faz!» Steinbrenner rasgou uma tira comprida de um cobertor e deu um nó na ponta. «Pronto», disse ele, num tom de amigo prestável, «agora enfiás aqui a cabeça, atas a outra ponta à janela e já está. Em dois minutos estás despachado». Hans Beimler, com o corpo coberto de vergões e feridas, tinha resistido às tentativas anteriores dos SS para o levarem ao suicídio, mas sabia que estava a ficar sem tempo. Uma ou duas horas antes, Steinbrenner e o comandante SS de Dachau tinham conduzido Beimler a outra cela para lhe mostrarem o cadáver nu de um dos seus camaradas, o político comunista Fritz Dressel, caído no chão de pedra. Nos últimos dias, os gritos de Dressel tinham ecoado pelo *bunker* e Beimler partiu do princípio de que o seu velho amigo, incapaz de continuar a suportar os maus-tratos, tinha cortado os pulsos (na verdade, Dressel terá sido assassinado pelos SS). Beimler, em choque, foi recambiado para a cela, onde o comandante lhe disse: «Pronto! Agora já sabes como se faz». E de seguida, fez-lhe um ultimato: se Beimler não se matasse, os SS matá-lo-iam na manhã seguinte. Beimler tinha pouco mais de 12 horas para viver¹.

Na primavera de 1933, Beimler e dezenas de milhares de opositores dos nazis foram metidos em campos improvisados como Dachau. Depois da indigitação de Hitler para chanceler, a 30 de janeiro, o novo regime transformou rapidamente a Alemanha: de democracia falida, passou a ditadura fascista. A caça aos inimigos do regime começou por se centrar sobretudo nos principais críticos e políticos da oposição, e para as autoridades da Baviera, o maior estado alemão a seguir à Prússia, poucas presas eram mais valiosas do que Beimler, de 37 anos de idade, de Munique, que era considerado um bolchevique extremamente perigoso. Quando foi capturado, no dia 11 de abril de 1933, depois de várias semanas em fuga com a mulher, Centa, houve regozijo no quartel-general da polícia de Munique: «Apanhámos o Beimler, apanhámos o Beimler!»².

Hans Beimler tinha participado no motim da marinha imperial, no outono de 1918, que provocou a queda do Império Alemão, no fim da Primeira Guerra

Mundial, e abriu as portas à República de Weimar, a primeira experiência democrática da Alemanha. Desde então, tinha lutado resolutamente contra a república, em prol de um Estado comunista. Na primavera de 1919, serviu como «guarda vermelho» numa malograda insurreição ao estilo soviético, na Baviera. Depois de a frágil democracia alemã ter resistido aos assaltos da extrema-esquerda e da extrema-direita, Beimler, que era mecânico de profissão, tornou-se um membro fanático do Partido Comunista Alemão (KPD). Beimler, um homem duro e rude, vivia para a causa, participando de corpo e alma nos confrontos com a polícia e com os adversários políticos (como as Secções de Assalto [SA] nazis) e foi subindo no partido. Em julho de 1932, atingiu o auge da sua carreira partidária: foi eleito pelo KPD para o Reichstag, o parlamento alemão³. No dia 12 de fevereiro de 1933, num dos últimos grandes comícios comunistas antes das eleições legislativas de 5 de março (as primeiras e últimas eleições multipartidárias sob a tutela de Hitler), Hans Beimler proferiu um discurso no pavilhão do Circo Krone, em Munique. Para incentivar os seus apoiantes, invocou uma rara vitória obtida na guerra civil de 1919, quando os «Guardas Vermelhos» da Baviera – Beimler fora um deles – tinham esmagado as forças governamentais nos arredores de Dachau. Beimler concluiu o seu discurso com uma palavra de ordem profética: «Vemo-nos de novo em Dachau!»⁴.

Decorridas apenas dez semanas, no dia 25 de abril de 1933, Beimler viu-se de facto a caminho de Dachau, mas não como líder revolucionário, ao contrário do que tinha profetizado: estava cativo da SS. Esta reviravolta brutal estava bem presente nas mentes de Beimler e dos seus captores ufanos. Quando o camião que transportava Beimler e outros detidos chegou a Dachau, tinha à sua espera um grupo de SS esfuziantes. Steinbrenner recordaria mais tarde que os guardas estavam «elétricos». Caíram sobre os detidos aos gritos e puseram rapidamente Beimler à parte para o seu primeiro espancamento, sorte que calhou também a uns quantos que o comandante denunciou como «porcos e traidores». * Beimler foi obrigado a pendurar ao pescoço um grande cartaz com a inscrição «Bem-vindo» e depois levaram-no para o *bunker*, instalado nos antigos lavabos da fábrica transformada em campo de concentração. Pelo caminho, Steinbrenner chicoteou Beimler com tanta força que até os presos que estavam longe conseguiram contar os golpes⁵.

Corriam boatos fantásticos entre os SS de Dachau sobre Beimler, o seu novo troféu. O comandante afirmou que Beimler fora o responsável pela execução de 10 reféns, incluindo uma condessa bávara, por um destacamento da «Guarda Vermelha» numa escola de Munique, na primavera de 1919, o que era falso. O massacre – posteriormente ofuscado pela chacina de centenas de revolucionários de esquerda por unidades paramilitares da extrema-direita, os *Freikorps*, que

* Os «porcos e traidores» eram agentes infiltrados no Partido Nazi, descobertos pelo SD de Reinhard Heydrich graças ao acesso aos ficheiros da polícia. (*N. do T.*)

esmagaram o fatídico Soviete de Munique – ficara gravado na mente dos extremistas de direita. Catorze anos depois, o comandante de Dachau mostrou aos seus homens fotografias dos reféns assassinados e disse-lhes que se iriam vingar. Primeiro quis matar pessoalmente Beimler, mas depois decidiu que seria mais discreto levá-lo ao suicídio. Porém, no dia 8 de maio, depois de Beimler ter resistido vários dias, o comandante fartou-se; ou Beimler se enforcava, ou era assassinado⁶.

Mas Hans Beimler sobreviveu a Dachau, escapando à morte certa horas antes de o ultimato dos SS expirar. Com a ajuda de dois SS, ao que parece, conseguiu esgueirar-se pela janelinha alta da cela, atravessou o arame farpado e a vedação eletrificada que rodeavam o campo e sumiu-se na noite⁷. De manhã, no dia 9 de maio de 1933, Steinbrenner abriu a porta da cela de Beimler e deu com ela vazia. Os SS ficaram doidos. As sirenes tocaram e os SS reviraram o campo do avesso. Steinbrenner espancou dois reclusos comunistas que tinham passado a noite nas celas adjacentes à de Beimler, gritando: «Esperem, cães, que já me vão dizer [onde está o Beimler]». Um deles foi executado pouco depois⁸. No exterior, iniciou-se uma gigantesca caça ao homem. Os arredores do campo foram patrulhados por aviões, colaram-se cartazes com «Procura-se» nas estações de caminho-de-ferro, a polícia de Munique fez várias rusgas e os jornais, que tinham saudado a detenção de Beimler, anunciaram um prémio pela recaptura do «célebre líder comunista», que foi descrito sem barba, com cabelo à escovinha e orelhas invulgarmente grandes e saídas⁹.

Porém, apesar dos esforços intensos dos caçadores, Beimler conseguiu escapar. Em junho, depois de recuperar numa residência secreta, em Munique, foi levado clandestinamente para Berlim pela resistência comunista e no mês seguinte fugiu para a Checoslováquia, de onde enviou um postal aos SS de Dachau: «Vão-se foder». Beimler instalou-se na União Soviética, onde escreveu um dos primeiros dos muitos relatos de testemunhas presenciais impressionantes que começavam a aparecer sobre os campos nazis como Dachau. O seu panfleto foi publicado em alemão pela imprensa soviética, em meados de agosto de 1933, e pouco depois foi publicado em fascículos num jornal suíço e em inglês, em Londres, além de circular secretamente na Alemanha. Beimler também escreveu artigos noutros jornais estrangeiros e falou na rádio soviética. As autoridades nazis denunciaram-no furiosamente como «um dos piores vendedores de histórias de terror». Além de escapar à punição, Beimler humilhou publicamente os seus torcionários ao contar a verdade sobre Dachau. No fim do outono de 1933, as autoridades nazis decidiram privar Beimler da sua cidadania, mas foi um gesto oco – Beimler não tinha a menor intenção de regressar ao Terceiro Reich¹⁰.

A história de Hans Beimler é extraordinária. Poucos reclusos dos primeiros campos nazis foram maltratados tão implacavelmente como ele: em 1933, as tentativas de homicídio ainda eram uma exceção. E mais excecional ainda foi a

sua fuga; durante muitos anos, Beimler foi o único detido que conseguiu fugir de Dachau, dado que os SS reforçaram de imediato a segurança do campo¹¹. No entanto, a história de Beimler toca em muitos aspetos fundamentais dos primeiros campos: a violência dos guardas, movidos pelo ódio aos comunistas; a tortura de reclusos específicos, em parte para intimidar os restantes; a relutância das autoridades dos campos, ainda sujeitas à supervisão judicial, em cometer assassinatos às claras, preferindo levar os reclusos a matar-se ou disfarçar a sua morte de suicídio; os elevados níveis de improvisação, evidentes na utilização da fábrica arruinada de Dachau pela SS; e o lugar de destaque dos campos na esfera pública, com notícias na imprensa, publicações clandestinas, etc. Estes elementos moldaram os campos que nasceram com o Terceiro Reich, em 1933.

PRIMAVERA E VERÃO DE SANGUE

No princípio da tarde de 30 de janeiro de 1937, no aniversário da sua nomeação para chanceler, Adolf Hitler dirigiu-se à nobreza nazi no defunto Reichstag e fez o balanço dos seus primeiros quatro anos no poder. Num discurso tipicamente desconexo, Hitler evocou o glorioso ressurgimento da Alemanha: os nazis tinham salvado o país de um desastre político, tinham salvado a economia da ruína, tinham saneado a cultura e restaurado o poderio da nação quebrando as grilhetas do desprezado Tratado de Versalhes. E o mais notável, declarou Hitler, era que tudo aquilo fora feito de forma pacífica. Os nazis tinham conquistado o poder em 1933 «praticamente sem derramamento de sangue». É certo que alguns opositores iludidos e criminosos bolcheviques tinham sido detidos ou eliminados, mas, gabou-se Hitler, ele tinha dirigido uma insurreição de um tipo completamente novo: «Foi, quiçá, a primeira revolução na qual não se partiu uma única janela»¹².

Não deve ter sido fácil para os manda-chuvas nazis não se escangalharem a rir enquanto ouviam Hitler. Lembravam-se bem do terror de 1933 e em privado continuavam a regozijar-se com as recordações da violência que tinham desencadeado contra os seus opositores¹³. No entanto, é possível que alguns dirigentes nazis, satisfeitos com a solidez adquirida pelo regime, desejassem esquecer quão precária fora a sua posição poucos anos antes. No princípio da década de 30, a República de Weimar entrou num declínio terminal, fragmentada por uma depressão catastrófica, por impasses políticos e pela agitação social. O Partido Nazi (NSDAP) afirmou-se como a alternativa política mais popular, mas não tinha o apoio da maioria dos alemães. De facto, os dois partidos da esquerda – os radicais comunistas (KPD) e os moderados sociais-democratas (SPD) –, apesar de profundamente hostis um ao outro, nas últimas eleições livres realizadas, em novembro de 1932, garantiram em conjunto mais votos do que os nazis. Foram as maquinações de uma pequena cabala de mediadores de poder

antirrepublicanos que instalaram Hitler como chanceler, a 30 de janeiro de 1933, um dos três nazis* de um governo dominado pelos conservadores nacionalistas¹⁴.

Decorridos poucos meses sobre a indignação de Hitler, o movimento nazi tinha praticamente garantido o controlo absoluto do país, apoiado numa vaga de terror que devorou sobretudo os diferentes elementos da classe trabalhadora organizada. Os nazis esmagaram os seus movimentos, destruíram-lhes as sedes e humilharam, encarceraram e torturaram os seus ativistas. Nos últimos anos, alguns historiadores menosprezaram o significado do terror desencadeado pelos nazis antes da guerra. Caricaturando o Terceiro Reich como uma «ditadura agradável», sugerem que a popularidade do regime tornou praticamente supérfluo um grande ataque contra os seus inimigos políticos¹⁵. Contudo, o apoio popular ao regime era importante, mas não era total e o terror foi indispensável para silenciar os milhões que continuavam a resistir à atração do nazismo. Os chamados marginais raciais e sociais também foram atingidos, mas a repressão inicial foi sobretudo direcionada contra os opositores políticos, em particular os de esquerda. Foi o primado do terror político que lançou os nazis no caminho do domínio absoluto.

O terror contra a esquerda

A promessa de renascimento nacional, criando uma nova Alemanha das cinzas da República de Weimar, esteve no cerne da atração popular pelo nazismo no princípio da década de 30. Todavia, o sonho nazi de um futuro dourado foi sempre um sonho destrutivo. Muito antes de chegarem ao poder, os dirigentes nazis congeminaram uma política de exclusão implacável: eliminando tudo o que era estranho e perigoso, criariam uma comunidade nacional homogénea pronta para o combate na futura guerra racial¹⁶.

Este sonho de unidade nacional concretizado através do terror nasceu das conclusões que os dirigentes nazis tiraram do trauma alemão de 1918. A derrota na Primeira Guerra Mundial foi de uma importância absolutamente fundamental para a ideologia nazi. Avessos a aceitar a realidade da derrota humilhante da Alemanha no campo de batalha, a liderança nazi, tal como muitos outros nacionalistas alemães, convenceu-se de que o país fora posto de joelhos pelo derrotismo e pelos desvios verificados na frente interna, que culminaram na pretensa «punhalada nas costas» dada pela revolução ao Exército alemão. Na perspetiva de Hitler, a solução era a repressão radical de todos os inimigos internos¹⁷. Num discurso proferido em privado, em 1926, numa altura em que

* Os outros dois foram Wilhelm Frick, ministro do Interior, e Hermann Göring, ministro do Interior da Prússia. (*N. do T.*)

o movimento nazi ainda estava confinado às franjas radicais da política alemã, Hitler prometeu aniquilar a esquerda. Não poderia haver paz nem sossego até «o último marxista ser convertido ou exterminado»¹⁸.

A violência política radical flagelou Weimar desde o princípio e quando o movimento nazi ganhou força, no início da década de 30, o país começou a ser palco quase diário de confrontos sangrentos, em especial na capital, Berlim. Os exércitos paramilitares nazis – a sua enorme secção de assalto (SA) e o esquadrão de proteção (SS), muito mais pequeno – passaram à ofensiva, lançando o caos nos comícios dos rivais políticos, atacando os opositores e destruindo-lhes as tabernas¹⁹. De forma crucial, o movimento nazi acumulou capital político com estes confrontos com os comunistas e sociais-democratas, reforçando a sua imagem junto dos nacionalistas como o adversário mais empenhado da esquerda odiada²⁰.

Depois da nomeação de Hitler para chanceler, em 30 de janeiro de 1933, muitos ativistas nazis estavam desejosos de acertar contas com os seus inimigos. Porém, nas primeiras semanas, os seus líderes mantiveram-se cautelosos, não querendo ir demasiado longe cedo demais. Foi então que na noite de 27 de fevereiro, em Berlim, o Reichstag foi consumido por um incêndio devastador. Depois de se congregarem no local, os dirigentes nazis apontaram imediatamente o dedo aos comunistas (o verdadeiro culpado foi um holandês solitário, talvez com a ajuda secreta de um grupo de incendiários da SA). Por volta das 22:00, chegou Adolf Hitler, na sua limusina, trajando fato escuro e gabardina. Depois de observar durante algum tempo o edifício em chamas, entrou numa das suas fúrias histéricas. Cego pela sua profunda paranoia em relação à esquerda (e pelos vistos desconhecendo o possível envolvimento de alguns dos seus homens), denunciou o incêndio como o sinal para a revolta comunista há muito esperada e ordenou uma repressão imediata. Segundo uma testemunha, Hitler gritou: «Agora, não haverá misericórdia. Quem se meter à nossa frente será eliminado»²¹. Na Prússia, as detenções foram coordenadas centralmente pela polícia política, através de listas antigas de pretensos radicais de esquerda atualizadas nas últimas semanas de acordo com a ideologia nazi²².

A polícia de Berlim entrou imediatamente em ação, com a capital alemã ainda mergulhada na escuridão. As vítimas detidas nas horas seguintes incluíram políticos comunistas de destaque e outros suspeitos importantes, entre os quais Erich Mühsam, escritor, anarquista e boémio, que se tornara o papão da direita alemã por causa do seu envolvimento na insurreição de Munique, em 1919, que lhe custara vários anos de cadeia. Mühsam estava a dormir no seu apartamento, nos arredores de Berlim, quando chegou o carro da polícia: eram 5 da manhã do dia 28 de fevereiro. A polícia já tinha prendido Carl von Ossietzky, o famoso jornalista e escritor pacifista, e Hans Litten, um jovem e brilhante advogado de esquerda que trocara as voltas a Hitler durante um julgamento, em 1931. Em poucas horas, a prisão da polícia, na Alexanderplatz,

encheu-se com grande parte da elite liberal e de esquerda de Berlim. As fichas de detenção pareciam um «Quem é quem» de escritores, artistas, advogados e políticos desprezados pelos nazis. «Toda a gente conhece toda a gente», recordaria um deles, «e sempre que a polícia traz um novo assiste-se a uma roda de cumprimentos». Alguns foram rapidamente libertados. A outros – incluindo Litten, Mühsam e Ossietzky –, esperava-os um destino terrível²³.

As rusgas efetuadas pela polícia em toda a Alemanha prosseguiram durante dias depois do incêndio do Reichstag. «Detenções em massa em todo o lado», noticiou o diário nazi *Völkischer Beobachter* na primeira página, no dia 2 de março de 1933, acrescentando: «O punho bate com força!» Três dias depois, quando a Alemanha foi às urnas, já tinham sido detidos quase 5000 homens e mulheres²⁴. Porém, não obstante o carácter impressionante dos acontecimentos, depressa se percebeu que tinham sido apenas a primeira salva dos nazis na guerra contra os seus adversários políticos.

A conquista final do poder começou com as eleições de 5 de março de 1933. Em poucos meses, a Alemanha transformou-se numa ditadura. Os nazis assumiram o controlo de todos os estados alemães, os outros partidos políticos desapareceram, o Reichstag eleito dissolveu-se a si próprio e a sociedade passou a ser coordenada. Muitos alemães apoiaram convictamente estas mudanças, mas o terror foi indispensável para o estabelecimento rápido do regime: atordoou a oposição e forçou-a ao silêncio e à submissão. A polícia intensificou as rusgas, com o enfoque nos comunistas, mas alargadas a outros sectores da classe trabalhadora organizada, em especial depois da destruição dos sindicatos, em maio, e do SPD, em junho. Só na última semana de junho foram detidos mais de 3000 sociais-democratas, entre os quais muitos altos funcionários, e alguns dirigentes conservadores e nacionalistas também foram parar à cadeia.

As perseguições levadas a cabo pela polícia foram importantes, mas o terror da primavera e do verão de 1933 esteve principalmente a cargo dos poderosos paramilitares nazis, principalmente das centenas de milhares de camisas-castanhas da SA. Alguns destes homens tinham lançado ataques mortíferos nas primeiras semanas do regime de Hitler, em particular na noite do incêndio do Reichstag, durante a caça aos opositores políticos (usando listas de detenção elaboradas pela SA). No entanto, a maioria dos SA fora travada pelos seus superiores hierárquicos, que queriam dar a impressão de que estavam a aceder ao poder dentro da legalidade. Só depois de as eleições de março de 1933 lhes terem conferido um mandato precário, dando uma pequena maioria ao NSDAP e aos seus aliados conservadores nacionalistas, é que os líderes nazis ataçaram os paramilitares. Decididos a criar uma nova Alemanha pela força, SA e SS deixaram um rasto de destruição no seu caminho. Fortemente armados, ocuparam e destruíram câmaras municipais, editoras e sedes de partidos e sindicatos, e caçaram inimigos políticos e pessoais. O auge terrível dos confrontos nas ruas da Alemanha verificou-se em finais de junho de 1933, em Berlim, quando

os camisas-castanhas atacaram o bastião esquerdista de Köpenick*. Em cinco dias sangrentos, assassinaram dezenas de opositores e deixaram centenas gravemente feridos; a vítima mais jovem, um comunista de 15 anos de idade, ficou com lesões cerebrais permanentes²⁵.

Embora grande parte do terror inicial tenha sido desencadeado pelos escalões inferiores, os militantes nazis atuaram em sintonia com os seus dirigentes locais, que incitaram abertamente à violência contra a oposição. Pouco antes das eleições de março, Hermann Göring, um dos principais lugares-tenentes de Hitler, anunciou que não queria saber de legalismos; o que lhe importava era «destruir e exterminar» os comunistas. Durante um grande comício realizado em meados de março, o novo presidente do estado de Vurtemberg, o «Velho Combatente»** Wilhelm Murr foi ainda mais longe: «Nós não dizemos: olho por olho, dente por dente. Não; se alguém nos vazar um olho, cortamos-lhe a cabeça, e se alguém nos partir um dente, esmagamos-lhe o maxilar»²⁶. A violência que se seguiu foi um sinal precoce da perigosa dinâmica que definiria o Terceiro Reich: os dirigentes nazis definiram a orientação da política e os seus seguidores superaram-se uns aos outros com iniciativas cada vez mais radicais para a concretizar²⁷.

Outro legado do terror nazi inicial foi o desvanecimento rápido da distinção entre Estado e partido. Os ativistas nazis entraram para todos os escalões das forças policiais e na primavera de 1933 já era impossível traçar uma linha clara entre a repressão policial e a violência paramilitar. Por exemplo, no dia 30 de janeiro, Hermann Göring assumiu interinamente a direção do Ministério do Interior prussiano (em abril também se tornou ministro-presidente da Prússia), passando a controlar as forças policiais prussianas. No dia 27 de fevereiro, Göring, além de instigar o posterior ataque policial contra os opositores dos nazis, abriu a porta à «substituição da polícia regular» pelos SS e SA na luta contra a esquerda. Os rufiões nazis ficaram encantados. Como polícias auxiliares, podiam acertar contas com os seus inimigos políticos sem ter de se preocupar com a interferência da polícia; tinham-se tornado a polícia²⁸.

Quanto aos polícias, a maioria tinha alguma simpatia pelos objetivos políticos dos nazis e não teve de ser convencida dos perigos do comunismo. A polícia alemã apoiou o regime sem grandes hesitações; não foi necessária nenhuma grande purga para a transformar num aparelho repressivo do Terceiro Reich²⁹. Em meados de março de 1933, por ocasião da sua nomeação para chefe interino da polícia de Munique, Heinrich Himmler, outro dirigente nazi que se apoderou de um cargo nas forças policiais, recorreu a um artigo de jornal para elogiar a excelente colaboração entre a polícia e o partido. Muitos inimigos tinham sido detidos, acrescentou ele, depois de a SA e a SS terem conduzido a polícia aos «covis das hediondas organizações marxistas»³⁰.

* Köpenick era o maior distrito de Berlim. (*N. do T.*)

** Termo que designava os filiados no Partido Nazi até ao dia 1 de janeiro de 1933. (*N. do T.*)

As detenções em massa

Durante a conquista do poder pelos nazis, foram presos imensos opositores políticos. No total, em 1933 estiveram detidos até 200 000 presos políticos³¹. Eram quase todos cidadãos alemães, com uma grande maioria de comunistas, em especial nos primeiros meses do regime nazi. Alguns – tais como Ernst Thälmann, líder do KPD, capturado quando estava escondido com os seus principais conselheiros, no dia 3 de março de 1933 – eram conhecidos em toda a Alemanha, mas a maioria compunha-se de pequenos funcionários e ativistas comuns; até os membros dos clubes desportivos e coros comunistas foram tratados como terroristas. A grande maioria dos que se viram nas mãos dos nazis consistia em jovens da classe trabalhadora, o elemento demográfico que constituía a espinha dorsal do movimento comunista³².

Em comparação com os homens detidos, o número de mulheres foi ínfimo. Quase todas também eram comunistas, geralmente ativistas importantes ou mulheres de altos quadros do partido, detidas como reféns para chantagear os maridos³³. Uma das detidas foi Centa Beimler, de 24 anos de idade, simpatizante comunista desde a adolescência, capturada num esconderijo pela polícia de Munique, na madrugada do dia 21 de abril, dez dias depois da detenção do marido, Hans. Na véspera, ela tinha-lhe enviado uma mensagem secreta dizendo que desejava poder tomar o seu lugar. Agora estavam ambos presos³⁴.

As detenções efetuadas pelos nazis em 1933 foram imprevisíveis e confusas. Milhares de detidos pela polícia foram presentes como transgressores da lei ao sistema judicial, que desempenhou um papel importante na repressão durante o Terceiro Reich. A maioria dos juízes e procuradores alemães, tal como os demais funcionários públicos, apoiou o regime. Os magistrados usaram leis antigas e novas contra os adversários dos nazis, enchendo rapidamente as prisões dos estados³⁵, mas a maioria dos detidos não foi presente a tribunal, pelo menos em 1933, dado que a sua detenção não foi por terem cometido atos ilegais, mas sim pelo que eram – inimigos potenciais da nova ordem.

Ao recorrerem às detenções em massa à margem da lei, os nazis seguiram as pisadas de outros revolucionários: quiseram destruir os seus inimigos antes que estes pudessem retaliar. Para tal, era necessária uma ação radical, descartando os princípios e a papelada judiciais. Anos mais tarde, o líder SS Heinrich Himmler gabou-se que os nazis tinham destruído a «organização associal comunista-judaica» em 1933 detendo as pessoas nas ruas «de forma completamente ilegal»³⁶. Exagerou, mas pouco. A maioria dos suspeitos foi posta em «detenção de proteção» (*Schutzhaft*), designação eufemística para uma forma de detenção por tempo indefinido vagamente baseada no Decreto do Presidente do Reich para a Proteção do Povo e do Estado. Este decreto, aprovado pelo governo de Hitler em 28 de fevereiro de 1933, em resposta ao incêndio do Reichstag, suspendeu as liberdades civis e tornou-se, nas palavras do politólogo alemão

emigrado Ernst Fraenkel, uma espécie de «carta constitucional do Terceiro Reich», justificando todo o tipo de abusos do poder – incluindo a privação da liberdade pessoal sem supervisão judicial nem possibilidade de recurso. É certo que a detenção extrajudicial não era inteiramente nova na Alemanha moderna e que o decreto se inspirou na legislação de emergência de Weimar, mas foi muito mais longe: a prática nazi da detenção ilegal foi inédita na severidade e no âmbito³⁷.

Durante a primeira vaga de terror, em março e abril de 1933, 40 000-50 000 opositores políticos foram temporariamente postos em detenção de proteção, principalmente pela polícia, a SA e a SS. A vaga seguinte, no verão, apanhou mais vítimas, e apesar das libertações frequentes, no dia 31 de julho de 1933 havia oficialmente quase 27 000 indivíduos em detenção de proteção, número que desceu lentamente para cerca de 22 000 em finais de outubro³⁸. A imprensa nazi chegou a afirmar que esta forma de detenção estava bem organizada, mas na verdade havia uma quantidade enorme de práticas e regras locais e a detenção de proteção pouco mais era do que um rapto com um verniz burocrático³⁹.

Aliás, muitos ativistas nazis dispensaram a fachada de normalidade e prenderam os opositores sem qualquer autorização oficial. Altos funcionários públicos, funcionários municipais, líderes e arruaceiros locais nazis e muitos outros arrogaram-se o direito de prender toda e qualquer pessoa que considerassem inimiga da nova ordem. A escalada do terror desencadeado pelos escalões inferiores e o caos dela decorrente foram resumidos por um tenente-general SA exasperado, no princípio de julho de 1933: «Toda a gente prende toda a gente, contornando os procedimentos oficiais prescritos, toda a gente ameaça toda a gente com a detenção de proteção, toda a gente ameaça toda a gente com Dachau»⁴⁰. Era tudo ao molho, com um número cada vez maior de funcionários públicos e do partido a explorar as oportunidades para desencadear um terror praticamente desabrido.

Mas o que fazer com tantos detidos? Não obstante o seu falatório, durante os anos de Weimar, em esmagar os seus inimigos, os dirigentes nazis não tinham ponderado minimamente os aspetos práticos da questão. Desencadeado o terror, na primavera de 1933, as autoridades de toda a Alemanha procuraram freneticamente lugares para encarcerar as vítimas das detenções ilegais. Nos meses seguintes, foram preparadas muitas centenas de locais de detenção, que podem ser coletivamente designados como os primeiros campos⁴¹.

A paisagem dos primeiros campos nazis criados na primavera e no verão de 1933 não podia ser mais variada. Os locais eram administrados por diferentes autoridades locais, regionais e estaduais, e tinham múltiplas formas e tamanhos. Uma meia dúzia funcionou durante anos, mas a maioria fechou ao fim de poucas semanas ou meses. As condições também eram muito variadas, desde inofensivas a quase letais; alguns reclusos não sofreram crueldades, outros foram continuamente vitimizados. Alguns dos novos lugares foram

designados campos de concentração, mas este termo ainda não era aplicado de forma coerente e havia muitos outros nomes – incluindo casa de detenção, campo de serviço laboral e campo de trânsito –, refletindo a natureza improvisada do terror inicial⁴². Todavia, apesar das suas diferenças profundas, os primeiros campos comungaram de um mesmo propósito: vergar a oposição.

Muitos dos primeiros campos foram estabelecidos em hospícios e prisões estaduais; na primavera de 1933, foram desocupadas alas prisionais inteiras para alojar os detidos em detenção de proteção⁴³. As autoridades consideraram que se tratava de uma solução pragmática para um problema premente. Dezenas de milhares de detidos poderiam ser encarcerados de forma rápida, barata e segura, dado que a maior parte das infraestruturas, dos edifícios aos guardas, já existia⁴⁴. Os asilos eram especialmente fáceis de converter porque muitos estavam quase vazios, tendo perdido a sua razão de ser nos anos de Weimar. Por exemplo, o grande hospício de Moringen, perto de Göttingen, albergara menos de 100 pedintes e indigentes em 1932 e o diretor viu com bons olhos a chegada dos detidos sob detenção de proteção, na expectativa de que a sua antiquada instituição adquirisse nova vida – não se desiludiu⁴⁵. A situação era mais complicada nas prisões estaduais, superlotadas com presos preventivos e condenados. No entanto, para demonstrarem o seu apoio ao novo regime, as autoridades aceitaram abrir temporariamente grandes prisões e pequenas cadeias de condado às detenções extrajudiciais. As celas das novas alas rapidamente ficaram superlotadas. No princípio de abril de 1933, as prisões da Baviera tinham mais de 4500 reclusos em detenção de proteção, um número que quase eclipsava o dos seus reclusos normais⁴⁶.

Os reclusos em detenção de proteção nas prisões e nos asilos eram sujeitos a uma disciplina rigorosa, a pequenos molestamentos e a uma rotina diária monótona. O pior de tudo era a incerteza em relação ao seu futuro e ao destino dos seus entes queridos. Em setembro de 1933, Centa Beimler já estava há mais de quatro meses numa cela fria e sombria da prisão de Stadelheim, em Munique – uma das poucas prisões estaduais com uma ala para homens e mulheres em detenção de proteção –, e sem fim à vista. Pior ainda, não sabia nada do marido, Hans, desde a sua fuga espetacular de Dachau; uma carta que ele enviou da URSS, plena de amor e inquietação por ela, só lhe chegaria anos mais tarde. Entretanto, a polícia prendeu-lhe a mãe e a irmã por serem simpaticizantes comunistas e a assistência social meteu-lhe o filhote num reformatório. Uma das suas camaradas comunistas, Magdalena Knödler, cujos filhos ficaram sozinhos depois da detenção do marido, entrou em desespero e enforcou-se⁴⁷.

Apesar das muitas dificuldades, a maioria dos detidos em detenção de proteção considerou a vida na prisão e no hospício suportável. Estes reclusos eram geralmente mantidos afastados do resto da população prisional, por vezes em grandes salas comunitárias. As celas individuais eram simples, mas não espartanas, incluindo geralmente uma cama, uma mesa, uma cadeira, uma prateleira,

uma bacia e um balde para as necessidades⁴⁸. A comida e os alojamentos eram, regra geral, adequados, apesar da superlotação, e normalmente os reclusos não tinham de trabalhar, passando o tempo a conversar, a ler, a fazer exercício, a costurar e a jogar xadrez ou outros jogos. Durante a sua estada na prisão de Spandau, em Berlim, no verão de 1933, Ludwig Bendix, um proeminente advogado judeu e moderado comentador jurídico de esquerda, conseguiu escrever um tratado sobre direito penal que foi publicado alguns meses depois, numa respeitada revista de criminologia alemã⁴⁹.

Mais importante ainda, os detidos como Ludwig Bendix e Centa Beimler estavam geralmente a salvo de ataques. A violência física fora banida há muito das prisões e asilos alemães e os guardas regulares eram instruídos de acordo com esta regra. Isto explica a atmosfera «suave» e «pacífica» de Spandau, como diria Bendix anos mais tarde, onde os guardas até foram relativamente simpáticos para ele⁵⁰. Noutras prisões e asilos, os detidos corriam mais perigo por causa do influxo de guardas SA e SS. Contudo, embora estes homens tenham cometido alguns atos de violência, como a polícia cometia durante os interrogatórios, foram geralmente controlados pelo pessoal prisional⁵¹. Além disso, as autoridades judiciais insistiram que os detidos em detenção de proteção ao seu cuidado fossem geralmente tratados como presos preventivos, impedindo a polícia e os paramilitares nazis de exercerem grande influência⁵².

O uso do termo «detenção de proteção» pelos nazis foi sumamente cínico. Em finais de março de 1933, um recluso mais audaz detido numa pequena cadeia queixou-se às autoridades prussianas de que apesar de estar «sensibilizado» com toda a «preocupação com a minha pessoa», não precisava de nenhuma «proteção» porque «não estou a ser ameaçado por nenhuma pessoa decente»⁵³. No entanto, a detenção de proteção em prisões e asilos na prática salvou alguns detidos dos excessos mais brutais dos primeiros campos, pelo menos durante algum tempo⁵⁴. Isto levou os extremistas nazis a queixarem-se de que os seus inimigos estavam a ser tratados com luvas – o habitual mito da direita de que as prisões eram sanatórios – e a exigir a sua transferência imediata para os chamados campos de concentração, onde lhes seria garantido um tratamento muito mais duro⁵⁵.

Os campos SA e SS

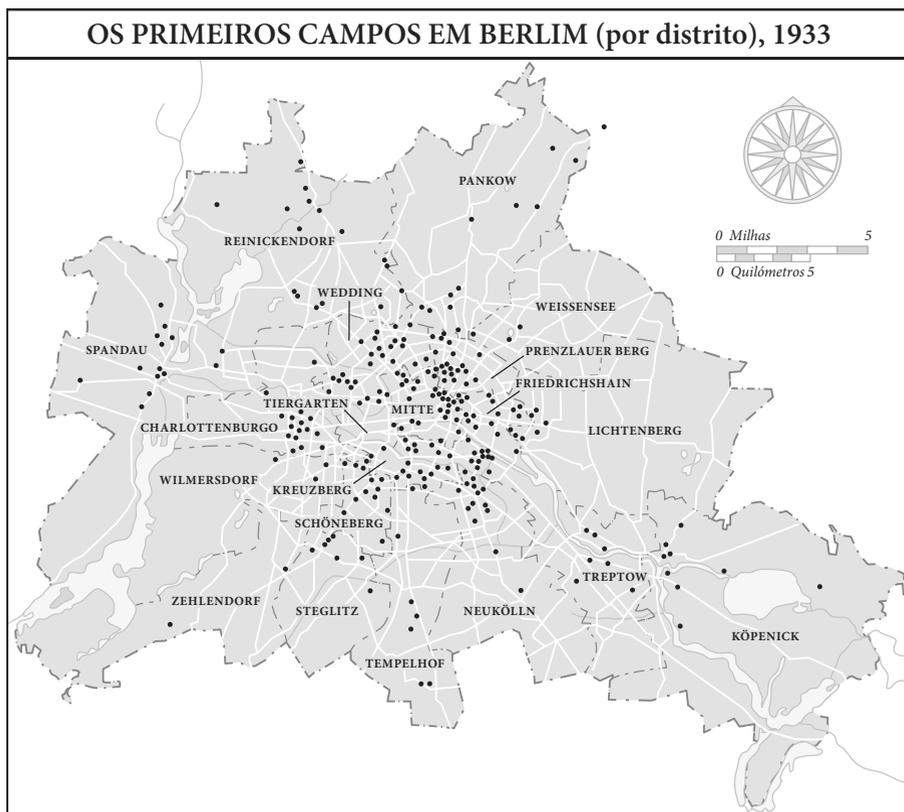
No dia 4 de setembro de 1933, a vida de Fritz Solmitz, jornalista social-democrata e vereador de Lübeck, deu uma volta terrível. Solmitz era um dos cerca de 500 homens em detenção de proteção em Hamburgo-Fuhlsbüttel, o maior complexo prisional alemão, com capacidade para milhares de reclusos. Desde finais de março, Fuhlsbüttel incluía uma ala para detidos sob tutela da polícia, como Solmitz. A ala foi inicialmente supervisionada por funcionários

prisionais moderados, mas o período de calma relativa não durou. No princípio de agosto, o *Gauleiter* (líder distrital do NSDAP) de Hamburgo, Karl Kaufmann, expressou a sua indignação face ao tratamento brando dos detidos e jurou alterar a situação. Um mês depois, inaugurava a abertura do primeiro campo de concentração de Hamburgo, noutra parte de Fuhlsbüttel. O novo campo, que se tornaria rapidamente conhecido por Kola-Fu (Konzentrationslager Fuhlsbüttel), no fundo era o feudo pessoal de Kaufmann, que nomeou para comandante um íntimo seu e «Velho Combatente» nazi. Na manhã de 4 de setembro de 1933, perante a presença de Kaufmann e dos seus homens, Solmitz e os outros detidos em detenção de proteção foram conduzidos das suas celas e alinhados no pátio. Depois de um discurso ameaçador proferido por um dos funcionários – que anunciou que os reclusos iriam aprender que ninguém podia prejudicar a Alemanha de Adolf Hitler –, começou a primeira ronda de violência sistemática: os novos guardas, cerca de 30 SS escolhidos para o efeito, caíram em cima dos presos ao murro e ao pontapé⁵⁶.

Os guardas de Fuhlsbüttel escolheram Fritz Solmitz, que era judeu, como alvo especial desde a primeira hora. Nove dias depois, em 13 de setembro, tiraram-no de uma grande cela comunitária e meteram-no na cave de detenção solitária, reservada para torturar os presos pretensamente recalcitrantes. Solmitz foi imediatamente rodeado por nove homens que o espancaram com chicotes, mesmo depois de ele cair por terra semi-inconsciente. Quando os guardas finalmente pararam, estavam cobertos do sangue que jorrava da cabeça da vítima. Depois de recuperar os sentidos, Solmitz registou o seu tormento em pedacinhos de mortalha que tinha escondido no relógio de bolso. Na noite de 18 de setembro, escreveu outra nota, depois de um grupo de SS ter saído da cela, onde o tinham ameaçado com mais torturas no dia seguinte: «Um SS muito alto pisa-me os dedos dos pés e grita: Vais-te curvar para mim. “*Oy**, diz que sim, porco”. Outro: “Porque não te enforcas? Assim não levas mais com o chicote!” Não duvido da seriedade da ameaça. Meu Deus, o que hei-de-fazer?» Horas depois, Solmitz estava morto, muito provavelmente assassinado pelos seus torturadores. Foi um dos pelo menos dez presos que perderam a vida em Kola-Fu, em 1933; os restantes eram ativistas comunistas⁵⁷.

A morte de Fritz Solmitz ilumina com uma luz intensíssima o contraste entre os diferentes tipos de primeiros campos, em especial os controlados pelos funcionários públicos e os dominados pelos paramilitares nazis. A SA e a SS controlaram centenas dos primeiros campos. Alguns foram criados para aliviar a superlotação das prisões estaduais depois dos apelos dos funcionários judiciais para que os presos sob a alçada da polícia fossem transferidos para outro lugar⁵⁸. Esta situação conveio aos nazis da linha dura, pois deu-lhes maior controlo sobre os detidos. Adolf Wagner, o novo comissário estadual à frente do

* Interjeição em ídiche, «ai». (*N. do T.*)



Ministério do Interior da Baviera – e íntimo de Hitler – declarou a 13 de março de 1933 que quando as prisões estaduais ficassem cheias, os inimigos detidos deveriam ser expostos aos elementos em «ruínas desertas»⁵⁹. Na verdade, era exatamente isto que alguns camisas-castanhas já estavam a fazer.

Na primavera e no verão de 1933, os primeiros campos administrados pela SA e pela SS nasceram nos locais mais improváveis. Os ativistas nazis ocuparam todos os espaços decrepitos ou vazios que puderam, incluindo hotéis, castelos, instalações desportivas e pousadas de juventude⁶⁰. Até converteram alguns restaurantes, como o *Schützenhaus*, na vila de Annaberg, na Saxónia; o proprietário era o major SA local, que administrava o novo campo enquanto a mulher preparava a comida para os detidos⁶¹. Mais comum foi a utilização dos chamados «bares SA», que albergavam geralmente meia-dúzia de detidos. Durante anos, a vida dos camisas-castanhas centrara-se nestes bares, que serviam de quartéis-generais informais onde eles se encontravam, bebiam e planeavam os seus ataques. Na República de Weimar, a violência contra os inimigos dos nazis extravasou destes bares para as ruas. Na primavera de 1933, o terror foi em sentido inverso, das ruas para os bares.⁶²

«O número de antros de tortura nazis é incontável», escreveu o comunista Theodor Balk sobre a Alemanha, na primavera de 1933. «Não há aldeia nem bairro que não tenha estes covis de martírio privados»⁶³. Era um exagero, mas os campos tutelados pelos camisas-castanhas cobriam toda a Alemanha. Concebidos como armas contra o movimento sindical, os primeiros campos foram principalmente estabelecidos nas cidades e nas zonas industriais⁶⁴.

O ponto central foi a «Berlim Vermelha». Em 1933, a SA e a SS administravam mais de 170 campos em Berlim, aglomerados em bairros conhecidos pela sua oposição ao nazismo. Nas zonas operárias de Wedding e Kreuzberg, por exemplo, onde os dois partidos da esquerda tinham conquistado a maioria absoluta nas eleições viciadas de março, foram instalados 34 campos na primavera de 1933 (em contraste, havia apenas um campo no frondoso distrito de Zehlendorf). Devido à densidade da rede de terror, os rufiões levavam apenas minutos a arrastar as vítimas para um destes campos, principalmente estabelecidos em bares SA, em apartamentos privados ou nas chamadas «casas SA», que tinham oferecido abrigo aos camisas-castanhas desempregados e sem abrigo nos últimos anos da República de Weimar⁶⁵.

Alguns detidos passaram por vários campos num curto espaço de tempo. Por exemplo, James Broh, um proeminente advogado de esquerda, foi detido por um grupo de SA na sua residência, em Berlim-Wilmersdorf, no dia 11 de março de 1933, e metido num apartamento privado transformado em câmara de tortura. No dia seguinte, foi transferido para um bar SA e dias depois para a casa do chefe SA local. Depois de uma semana infundável de maus-tratos terríveis, Broh sentiu que «não conseguiria aguentar mais torturas». O tormento só acabou com a sua transferência para a prisão de Spandau⁶⁶.

Muitos dos primeiros campos administrados pelos paramilitares nazis surgiram localmente, com pouca ou nenhuma orientação superior. Todavia, seria enganador descrevê-los a todos como «campos selvagens», como fizeram alguns historiadores. Muitos destes campos tiveram ligações com as autoridades estaduais desde o princípio – o que não admira, dada a sobreposição entre polícia e partido. De facto, alguns campos SA e SS foram criados pelas autoridades policiais e não era invulgar a polícia encorajar maus-tratos e usar «confissões» extraídas sob tortura. E mesmo quando estas ligações não existiram inicialmente, não tardaram a desenvolver-se. Nenhum campo SA permaneceu muito tempo isolado da polícia regional⁶⁷.

Tomemos como exemplo o campo na cidade de Oranienburgo, a norte de Berlim, que se tornou tristemente célebre pela sua violência. Foi estabelecido por uma unidade SA local no dia 21 de março de 1933, numa antiga cervejaria, para encarcerar 40 detidos. Todavia, poucos dias depois o campo foi formalmente colocado sob tutela da administração distrital. A polícia e as autoridades municipais começaram de imediato a enviar alegados inimigos

da nova ordem para o campo em expansão, que manteve o seu pessoal SA. Em agosto de 1933, Oranienburgo era dos maiores campos da Prússia, com mais de 900 reclusos⁶⁸.

As condições nos primeiros campos administrados pelos paramilitares nazis foram quase universalmente medonhas. A culpa era, em grande parte, dos guardas SA e SS, mas também havia problemas de natureza prática. Ao contrário das prisões e dos asilos, praticamente nenhum daqueles lugares foi concebido como local de detenção. Nem sequer havia infraestruturas básicas – casas-de-banho, duches, aquecimento, cozinhas – e os detidos eram metidos em espaços vazios e frios, tais como antigas arrecadações ou salas de caldeiras, alguns com buracos no telhado e nas janelas. Em Oranienburgo, no princípio, os presos tiveram de dormir no chão de cimento coberto de palha, em adegas compridas e estreitas que tinham sido usadas para guardar garrafas de cerveja. Era um lugar escuro e húmido, mesmo nos meses de verão, e os reclusos «tremiam de frio como cachorrinhos», recordaria Gerhart Seger, ex-deputado social-democrata do Reichstag, que chegou a Oranienburgo em junho de 1933. Mais tarde, passaram a dormir em exíguos beliches triplos de madeira que Seger comparou a «tocas de coelho». A comida era tão má como os alojamentos. Tal como em muitos outros campos SA, as rações distribuídas em Oranienburgo eram diminutas e nojentas, ao ponto de alguns presos preferirem passar fome⁶⁹. Todavia, a característica definidora era a brutalidade dos guardas, tão radical como em Kola-Fu: entre maio e setembro de 1933, morreram pelo menos sete reclusos⁷⁰.

Os guardas SA e SS

Se a tortura foi a essência do nacional-socialismo, como sugeriu o filósofo austríaco Jean Améry, sobrevivente dos campos de concentração, então os primeiros campos SA e SS estiveram no cerne do Terceiro Reich nascente⁷¹. É certo que nem todos os guardas foram torcionários, nem em 1933 nem depois. No princípio, os SA e SS ainda não tinham descoberto o seu papel e alguns negaram-se a empregar a violência contra presos indefesos. Num caso excepcional, um guarda SS protestou contra o espancamento de um idoso, mas os seus camaradas calaram-no aos gritos; para eles, os maus-tratos aos detidos estavam rapidamente a tornar-se uma segunda natureza⁷².

A violência começava à chegada. Vergar os recém-chegados – retirando-lhes a dignidade e afirmando o domínio das autoridades – era um ritual comum em todas as «instituições totais», mas foi levado ao extremo nos primeiros campos SA e SS⁷³. Desde a primeira hora, os guardas recorriam à violência para transmitir uma mensagem simples: os presos não valiam nada e estavam à sua mercê⁷⁴. Os recém-chegados, confusos, eram rodeados pelos guardas, que os insultavam aos berros. «Toca a descer, porcos!», gritou um guarda de Dachau,

no princípio de julho de 1933, quando um camião descarregou um grupo de presos. «Já vos faço correr! Levam um tiro nos cornos!»⁷⁵ Os insultos eram acompanhados de maus-tratos físicos; os SA e SS caíam em cima das vítimas ao pontapé, ao murro e à chibatada⁷⁶. Estas sessões eram frequentemente seguidas de exercícios esgotantes e de uma breve alocução ameaçadora do oficial no comando. Muitos presos eram sujeitos a uma busca corporal e às vezes eram fotografados e tiravam-lhes as impressões digitais – para reforçar a mensagem de que eram criminosos perigosos e que seriam tratados como tal⁷⁷. Estas práticas estabeleceram o modelo para as «boas-vindas» aos detidos, uma rotina complexa de humilhação e violência que depressa se tornou uma característica permanente do sistema de campos de concentração SS⁷⁸.

Todos os presos – jovens e velhos, homens e mulheres – eram alvos potenciais para os guardas SA e SS⁷⁹, que esbofeteavam e esmurravam os detidos e usavam uma variedade de armas, tais como mocas, chicotes e paus. Laceravam a pele, esmagavam maxilares, furavam órgãos, partiam ossos. As execuções simuladas e outras práticas degradantes eram generalizadas. Os torcionários depilavam as vítimas, mandavam-nas espancar-se umas às outras, obrigavam-nas a beber óleo de rícino (um tormento copiado dos fascistas italianos) e urina e a comer excrementos⁸⁰. Os abusos sexuais eram frequentes nos primeiros campos, pelo menos em comparação com o posterior sistema concentracionário SS. Os homens eram atingidos nos genitais desnudados e alguns foram obrigados a masturbar-se uns aos outros; em Dachau, no verão de 1933, um recluso morreu depois de os SS lhe enfiarem uma mangueira no recto e abrirem a torneira de alta pressão⁸¹. As reclusas também estavam sujeitas a este tipo de maus-tratos. Os guardas molestavam-nas de várias formas, batendo-lhes nas coxas, nas nádegas e nos seios desnudados, e às vezes violavam-nas⁸².

Porquê esta explosão de violência? As autoridades não costumavam seleccionar homens particularmente brutais para serviço nos campos SA e SS; em 1933, a política de pessoal era muito pouco sistemática⁸³. A maioria dos comandantes foi nomeada simplesmente porque chefiava a unidade paramilitar local estacionada no campo⁸⁴. O recrutamento dos guardas ainda era mais fortuito. Steinbrenner, o SS que torturou Hans Beimler, testemunhou posteriormente que numa noite de finais de maio de 1933, em Munique, quando ia cumprir uma missão de rotina como polícia auxiliar, passou por um oficial da sua unidade. Para seu espanto, o oficial mandou-o subir para um camião estacionado na rua, onde já estavam outros SS; Steinbrenner, então com 27 anos de idade, não fazia aparentemente ideia de que o camião ia seguir para Dachau nem de que fora destacado para guarda do campo⁸⁵. Tal como Steinbrenner, a maioria dos guardas SA e SS dos primeiros campos não era voluntária⁸⁶. No entanto, muitos devem ter ficado agradados com as suas novas funções, sobretudo os pertencentes ao vasto exército de desempregados da Alemanha – oficialmente cerca de seis milhões na primavera de 1933 –, que passaram a receber um

salário e a beneficiar de cama e alimentação gratuitas. De facto, as autoridades nazis usaram o destacamento para os primeiros campos para recompensar os ativistas desempregados (em junho de 1933, Oranienburgo dava emprego a 300 camisas-castanhas)⁸⁷. No entanto, muitos dos novos guardas consideraram as suas funções mal remuneradas como apenas temporárias, e quase todos partiram ao fim de várias semanas ou meses, tal como aconteceu com os comandantes. Poucos conceberam longas carreiras nos campos⁸⁸.

Independentemente dos acasos da política de recrutamento, muitos guardas SA e SS estavam condicionados para a violência por serem paramilitares nazis. Por outras palavras, as autoridades não precisavam de selecionar guardas especialmente brutais porque os SA e os SS eram considerados naturalmente brutais. A maioria eram homens na casa dos 20 e dos 30 e poucos, oriundos da classe operária e da classe média-baixa. Pertenciam à chamada «geração supérflua» – demasiado jovens para combater na Grande Guerra e os mais atingidos pelas perturbações económicas dos anos de Weimar – que procurou frequentemente a salvação na política radical da Alemanha entre as guerras⁸⁹. Estes SA e SS eram veteranos do radicalismo político de Weimar e muitos tinham cicatrizes e cadastro criminal para o provar⁹⁰. Na sua ótica, a violência contra os reclusos de esquerda, em 1933, era o culminar de uma guerra civil em curso desde 1918 contra o SPD (enquanto principal defensor de Weimar) e contra o KPD (como agente principal do bolchevismo). «A SA estava pronta para lutar pela revolução», escreveu posteriormente o major SA Werner Schäfer, comandante de Oranienburgo, sobre o primeiro dia no campo, «tal como tinha lenta e resolutamente lutado pelas cervejarias, ruas, aldeias e cidades»⁹¹. Em suma, o terror dos primeiros campos decorreu diretamente da violenta cultura política de Weimar.

A ferocidade da violência dos guardas sobre os presos também deveu muito ao peculiar estado de espírito dos paramilitares nazis em 1933, uma mistura explosiva de euforia e paranoia. Os guardas celebravam o triunfo do nazismo. Inebriados com os seus súbitos poderes, foram tudo menos magnânimos na vitória: decoraram os campos com bandeiras capturadas às organizações de esquerda e marcaram a sua supremacia no corpo dos seus inimigos⁹². «Pensem no que eles vos fariam», disseram aos SA do campo de Colditz antes de os acaularem contra os detidos, na primavera de 1933⁹³. Em muitos casos, o ódio aos presos não era abstrato, mas sim pessoal. Dada a natureza localizada do terror nazi inicial, carcereiros e encarcerados conheciam-se bem. Tinham crescido nas mesmas ruas e comungavam de uma longa história de violência e vinganças. Agora, tinha chegado a altura do acerto de contas final. A pior coisa que podia acontecer a um detido, escreveu um ex-recluso de Dachau, em 1934, era ser reconhecido por um guarda da sua cidade⁹⁴.

Mas por trás do triunfalismo selvagem dos guardas SA e SS espreitava a ansiedade. A propaganda nazi tinha falado tanto na ameaça comunista que

a sua derrota esmagadora parecia ter sido demasiado fácil. Na primavera e no verão de 1933, o receio de um contra-ataque iminente era generalizado entre os nazis fanáticos e alguns presos do KPD acreditavam na ilusão da iminência de uma sublevação dos trabalhadores⁹⁵. Alguns funcionários nazis temiam que os campos fossem atacados por bandos armados, como as prisões estaduais tinham sido durante a revolução de 1918-1919. Os guardas foram avisados para estarem permanentemente vigilantes em relação a ameaças do exterior⁹⁶.

A obsessão com o fantasma comunista levou os guardas mais nervosos a intensificar a violência, em particular durante os interrogatórios. Muitos dos primeiros campos administrados pelos paramilitares nazis tinham câmaras de tortura especiais onde os guardas procuravam obrigar os presos a revelar nomes, conspirações e esconderijos de armas. Por exemplo, em Oranienburgo, os tortionários SA ocupavam a sala 16, onde espancavam os presos até lhes deixarem o corpo coberto de sangue e equimoses⁹⁷. No entanto, as mortes durante a detenção ainda eram raras, mesmo nos campos SA e SS. Contrariamente à imagem dos primeiros campos nazis como lugares de extermínio em massa, avançada por especialistas como Hannah Arendt, a esmagadora maioria dos presos sobreviveu⁹⁸. Mesmo assim, muitas centenas perderam a vida em 1933, assassinados pelos guardas ou levados ao suicídio. Os mais vulneráveis eram os judeus e os presos políticos importantes⁹⁹.

A violência contra os «manda-chuvas» e os judeus

No dia 6 de abril de 1933, um comboio especial partiu da estação de Schlessischer, em Berlim, com destino a Sonnenburgo, no Leste da Prússia, onde a SA tinha recentemente estabelecido um novo campo numa penitenciária decrépita que fora abandonada dois anos antes pelas autoridades judiciais depois de uma epidemia de disenteria. Seguiam a bordo mais de 50 presos políticos bastante conhecidos (os «manda-chuvas»), incluindo Erich Mühsam, Carl von Ossietzky e Hans Litten. Depois da sua detenção em Berlim, na madrugada de 28 de fevereiro de 1933, os três homens tinham passado várias semanas em prisões estaduais, cujas condições descreveram como «desconfortáveis», mas «toleráveis»¹⁰⁰ – os bons tempos, em comparação com o que se iria seguir.

Os detidos foram insultados e espancados no comboio e ainda com mais violência em Sonnenburgo. Os SA concentraram a sua atenção em Mühsam, Ossietzky e Litten, que além de serem intelectuais de esquerda – um «tipo» desprezado como ocioso e perigoso pelos paramilitares, que, num ato simbólico, partiram os óculos a Mühsam –, eram famosos; até o jornal local anunciou a sua chegada. Os nazis consideravam, erroneamente, o anarquista Erich Mühsam (tal como Hans Beimler) responsável pela célebre execução de reféns numa escola

de Munique durante o levantamento de 1919. O jornalista e escritor Ossietzky exigira a dissolução da Secção 33 da SA de Berlim (conhecida como «Secção Assassina»), à qual pertenciam muitos dos guardas do campo, e o advogado Litten tinha lutado contra alguns dos seus membros nos tribunais. Agora, a situação invertera-se. Depois de um longo dia de terror, durante o qual Litten foi quase estrangulado até à morte, os três homens passaram juntos a primeira noite aterrorizante numa cela de Sonnenburgo¹⁰¹.

A tortura prosseguiu nos dias seguintes. Os dois homens mais idosos e frágeis, Ossietzky e Mühsam, foram obrigados a cavar uma sepultura no pátio da prisão. Depois foram alinhados para ser fuzilados, mas os SA desataram às gargalhadas e baixaram as espingardas. Ossietzky e Mühsam também foram forçados a fazer exercícios humilhantes e tarefas degradantes exaustivas, sempre a passo de corrida e debaixo dos maus-tratos dos SA. Carl von Ossietzky acabou por cair e foi levado para a enfermaria, pálido, escanzelado e a tremer. Erich Mühsam, com as roupas cobertas de sangue, foi-se abaixo no dia 12 de abril, com «ataques de coração graves», como escreveu no seu diário. Quanto a Hans Litten, foi torturado «com risco de vida», como disse secretamente aos seus entes queridos, e tentou cortar os pulsos¹⁰². Em poucos dias, os guardas SA levaram quase à morte os seus três «troféus».

Noutros campos administrados pelos paramilitares nazis aconteceram cenas semelhantes, e não foram apenas os radicais importantes que sofreram: membros destacados do moderado SPD tiveram a mesma sorte. Por exemplo, no dia 8 de agosto de 1933, a polícia berlinense levou para Sonnenburgo várias celebridades políticas, incluindo Ernst Heilmann, que fora durante muito tempo o líder da bancada do SPD no parlamento prussiano e um dos políticos mais poderosos da era Weimar, e Friedrich Ebert, deputado do SPD no Reichstag, editor de jornal e filho do falecido primeiro presidente do Reich da República de Weimar, uma figura odiada pela direita. Os guardas SA foram previamente avisados da chegada do transporte, como acontecia frequentemente com os opositores políticos importantes, e condicionados para lhes darem umas «boas-vindas» especiais. À chegada, os detidos tiveram de posar para fotografias de propaganda. De seguida, ficaram em sentido na parada, na frente de todos os outros reclusos, e foram invetivados por um oficial superior SA: «Cá estão eles, os sedutores! Estes vigaristas do povo! Estes canalhas! Estes cães imundos!», gritou ele, apontando para o «porco vermelho» Heilmann, para o «maquinador sanguinário» Ebert e para os outros. Os guardas obrigaram as vítimas a despirem-se em público e a vestir roupas esfarrapadas, e raparam-lhes a cabeça. Mais tarde, Ebert e Heilmann terão sido torturados na tristemente célebre sala 16. Os maus-tratos continuaram nas semanas seguintes. Tal como outros «manda-chuvas», Heilmann e Ebert foram obrigados a fazer tarefas particularmente esgotantes, inúteis e repugnantes. E sempre que Oranienburgo recebia a visita de dignitários nazis, os dois homens eram exibidos como animais perigosos num jardim zoológico¹⁰³.

O ódio violento dos guardas aos presos políticos importantes era acentuado pelo antissemitismo radical. O facto de algumas vítimas – entre as quais Heilmann, Mühsam e Litten – terem raízes judaicas era considerado uma confirmação dos estereótipos incendiários que associavam os judeus aos desvios políticos, sintetizados na ameaça mortal do «bolchevismo judeu»¹⁰⁴. O antissemitismo radical era nuclear na mundividência nazi, na qual os judeus eram os seus inimigos mais perigosos. Os judeus eram culpados por todos os infortúnios que se dizia terem atingido a Alemanha moderna, da «punhalada nas costas» ao regime de Weimar corrupto. A convicção de que os judeus eram inimigos políticos e vice-versa estava tão arreigada que os SA de Sonnenburgo se convenceram de que Carl von Ossietzky tinha de ser judeu (não era), e redobram a sua violência contra o «porco judeu»¹⁰⁵.

Os judeus alemães eram uma pequena minoria no seio da população prisional dos primeiros campos, talvez cerca de 5%¹⁰⁶. Todavia, mesmo assim os judeus tinham muito mais probabilidades de ser levados para os campos do que o cidadão comum, um primeiro sinal de acontecimentos futuros¹⁰⁷. Em 1933, foram metidos nos campos quase 10 000 judeus alemães¹⁰⁸. Na sua maioria, foram detidos por serem ativistas de esquerda (apesar de, contrariamente ao que dizia a propaganda nazi, os judeus não serem de todo predominantes entre os comunistas alemães)¹⁰⁹, mas alguns funcionários impetuosos também prenderam judeus principalmente por serem judeus, nomeadamente muitos advogados. Na Saxónia, o Ministério do Interior teve de lembrar aos seus polícias que «a pertença à raça judia não é motivo *exclusivo* para a imposição da detenção de protecção»¹¹⁰. Em maio de 1933, os líderes da SA de Berlim avisaram os seus homens de que «nem todos os que andam por aí com cabelo escuro são judeus»¹¹¹. Os raptos e as detenções fizeram parte de uma vaga de antissemitismo que varreu a Alemanha na primavera e no verão de 1933. Enquanto os novos líderes se atarefavam a implementar um conjunto de medidas discriminatórias para cumprir a sua promessa de excluir os judeus da vida alemã, os rufiões locais lançaram ataques contra os judeus e contra os seus negócios. Algumas vítimas foram enviadas para os campos – muitas vezes depois de terem sido denunciadas pelos vizinhos ou por comerciantes rivais –, onde ficaram detidas por pretensos «crimes» como obtenção de lucros ilícitos ou relações sexuais com os chamados arianos¹¹².

Proeminentes ou não, quase todos os presos judeus foram maltratados pelos paramilitares nazis, que acreditavam numa mistura de fantasias antissemitas. Além de serem considerados inimigos políticos mortíferos, os judeus estavam marcados como ameaças raciais, exploradores capitalistas e intelectuais ociosos¹¹³. Quando os detidos chegavam a um campo, os guardas ordenavam frequentemente aos judeus que se revelassem: «Há aqui judeus?», gritou um jovem guarda SS de Dachau aos recém-chegados, em 25 de abril de 1933, o dia em que Hans Beimler chegou ao campo. Como ainda não tinham sido introduzidas as

marcas externas para identificar os grupos de presos, estas ordens verbais para que os judeus se revelassem tornaram-se rotina. Alguns detidos esconderam a sua origem, mas era arriscado. Em Dachau, em maio de 1933, o comunista Karl Lehrburger foi assassinado por Steinbrenner pouco depois de a sua verdadeira identidade ter sido revelada por um polícia que estava de visita e que por acaso o conhecia¹¹⁴.

Os maus-tratos antissemitas verificados nos primeiros campos SA e SS assumiram muitas formas. Tal como outros torcionários, os guardas nazis impuseram atos de humilhação e profanação rituais. Os espancamentos eram acompanhados de insultos vis. «Vamos capá-los para vocês deixarem de molestar as raparigas arianas», disseram os guardas a dois judeus enquanto os atormentavam na adega de um bar SA, em Berlim, em agosto de 1933¹¹⁵. Em Dachau, recordaria Steinbrenner, foi «uma galhofa» quando os seus camaradas SS raparam o cabelo de um judeu em forma de cruz. Em Sonnenburgo, os SA desfiguraram a barba de Erich Mühsam para ele ficar parecido com as caricaturas nazis que eles tão bem conheciam¹¹⁶. Os presos judeus também eram muitas vezes obrigados a fazer trabalhos particularmente árduos e repulsivos. As punições consideradas particularmente cruéis e invulgares aplicadas aos não judeus – principalmente aos presos políticos importantes – tornaram-se a norma para os judeus, que se viram no fundo da hierarquia dos reclusos. Por exemplo, em Oranienburgo, Ernst Heilmann foi imediatamente nomeado «diretor do cagatório» pelos SA, que o puseram à frente de um grupo de judeus obrigados a limpar as quatro casas-de-banho – por vezes com as mãos – que eram usadas por quase 1000 detidos. Heilmann substituiu Max Abraham, um rabi de Rathenow, nos arredores de Berlim, a quem os SA, por gozo, passaram a chamar «vice-diretor»¹¹⁷.

Em Oranienburgo – e noutros campos de grandes dimensões como Dachau –, o terror antissemita resultou inclusivamente na criação de destacamentos de trabalho e barracões específicos (as chamadas Companhias de Judeus). Porém, esta separação espacial foi rara nos primeiros campos. A maioria dos judeus trabalhava e dormia com os outros reclusos, em especial nos campos mais pequenos, e mesmo um campo relativamente grande como Osthofen, perto de Worms (Hesse), com mais de 100 presos judeus, nunca teve uma «Companhia de Judeus». Osthofen também diferiu de campos como Oranienburgo noutros aspetos. O comandante, o major Karl D'Angelo, que mais tarde seria transferido para Dachau, era mais contido do que o seu homólogo de Oranienburgo e não promoveu excessos de violência dos guardas¹¹⁸.

Isto sublinha, mais uma vez, as disparidades existentes entre os primeiros campos, mesmo entre os administrados pelos paramilitares nazis. Ainda não havia qualquer consenso em relação ao tratamento dos presos judeus, o que provocou inclusivamente conflitos pontuais entre as autoridades nazis, como aconteceu em Sonnenburgo. Em poucos dias, chegaram a Berlim rumores

sobre a tortura de Hans Litten e Erich Mühsam. Preocupado com a reputação de Sonnenburgo, o Dr. Mittelbach, advogado do quartel-general da polícia berlinense, realizou uma inspeção no dia 10 de abril de 1933. Um breve olhar para ambos os detidos – Mühsam tinha a dentadura partida e o rosto de Litten estava inchado de forma grotesca – bastou para confirmar que tinham sido maltratados «com muitíssima gravidade», segundo a informação de Mittelbach aos seus superiores. Mittelbach convocou os guardas SA e disse-lhes severamente que os maus-tratos eram estritamente proibidos. Quando se constatou que o seu aviso estava a ser ignorado, Mittelbach regressou a Sonnenburgo de automóvel, no dia 25 de abril, para ir buscar Litten, e um mês depois foi buscar Mühsam. Mittelbach levou os dois reclusos para a prisão estadual, em Berlim, onde o seu tratamento melhorou imenso. Na prisão de Spandau, Litten, radiante, disse à mãe: «O Dr. Mittelbach salvou-me a vida»¹¹⁹.

Mittelbach conseguiu interferir em Sonnenburgo porque o campo – apesar de administrado pela SA – estava sob sua autoridade. Foi o primeiro grande campo da polícia política prussiana e Mittelbach, que colaborara no seu estabelecimento, foi nomeado para funções ainda mais importantes: a coordenação da detenção de proteção em toda a Prússia a partir do Departamento de Polícia Secreta do Estado (Gestapa), criado em abril de 1933 no seio do Ministério do Interior da Prússia. A incumbência oficial dos agentes da Polícia Secreta do Estado (Gestapo) do quartel-general de Berlim e dos seus ramos regionais era «combater todas as atividades subversivas na Prússia». Mittelbach não durou muito no seu novo cargo, talvez por ter ajudado Litten. No entanto, as autoridades centrais da Prússia e de outros estados começaram a exercer um controlo maior sobre a rede caótica dos primeiros campos¹²⁰.

A COORDENAÇÃO

No princípio de março de 1933, no dealbar do Terceiro Reich, as autoridades governamentais da Turíngia estabeleceram apressadamente um campo para presos comunistas num antigo aeródromo, em Nohra, perto de Weimar; dias depois, havia mais de 200 homens encarcerados no campo. Contudo, decorridas apenas dez semanas, o novo campo foi abandonado. Por vezes descrito como o primeiro campo de concentração alemão, Nohra foi também um dos primeiros a fecharem¹²¹. Seguiram-se muitos outros e em finais do verão de 1939 a maioria dos primeiros campos tinha fechado as portas¹²². Estes campos tinham sido concebidos como exclusivamente temporários e o seu encerramento refletiu uma alteração de monta no terror nazi. Consolidada a posição do regime, os seus dirigentes procuraram travar os SA, cujos excessos começavam a ser motivo de preocupação, mesmo para os nazis mais convictos. No dia 6 de julho de 1933, Hitler disse inequivocamente a um grupo de altos

funcionários do Reich que a revolução nazi estava terminada¹²³. A consequente diminuição na violência perpetrada pelos escalões mais baixos traduziu-se em menos presos e menos campos.

Entre os primeiros campos que não encerraram encontravam-se vários campos estaduais de grandes dimensões. As tentativas de coordenação do terror político começaram na primavera de 1933 e intensificaram-se a partir de meados desse ano¹²⁴. Por exemplo, dois meses apenas depois de ativistas locais terem estabelecido Osthofen, em março, o comissário da polícia do Hesse designou-o campo estadual¹²⁵. Noutros lugares, as autoridades estaduais também estabeleceram campos de grandes dimensões¹²⁶. As iniciativas mais significativas decorreram nos dois maiores estados alemães, a Prússia e a Baviera, onde as autoridades formularam visões ambiciosas para o futuro da detenção policial extrajudicial. Para implementarem os seus planos rivais, ambos os estados operaram campos-modelo, respetivamente em Emsland e Dachau. Além de serem os dois maiores campos na segunda metade de 1933 – com cerca de 3000 (Emsland) e 2400 (Dachau) reclusos por dia em setembro –, foram os protótipos mais aproximados dos posteriores campos de concentração SS¹²⁷.

A «detenção de proteção» na Prússia

Durante a conquista do poder pelos nazis, foram encarcerados muito mais opositores políticos na Prússia do que em qualquer outro estado alemão. Em finais de julho de 1933, as instalações prisionais da Prússia albergavam muito para cima de metade dos detidos em detenção de proteção¹²⁸. No verão de 1933, um alto funcionário público prussiano informou que muitos reclusos eram tão perigosos que teriam de permanecer detidos durante bastante tempo. Segundo a sua estimativa, nos anos seguintes existiriam diariamente na Prússia cerca de 10 000 detidos em detenção de proteção. A detenção ilegal em campos viera para ficar¹²⁹.

A convicção de que os campos eram mais do que uma medida de emergência, que perdurariam para além da conquista do poder e se tornariam uma característica permanente do Terceiro Reich, galvanizou os primeiros esforços de criação de um sistema de detenção ilegal mais ordeiro¹³⁰. Na Prússia, a coordenação do sistema de campos foi liderada pelo Ministério do Interior. No outono de 1933, Hermann Göring aprovou o seu novo modelo: a pletoira de primeiros campos seria substituída por quatro grandes campos de concentração estaduais¹³¹.

O primeiro campo do estado prussiano foi o infame Sonnenburgo, que em finais de novembro de 1933 albergava cerca de 1000 reclusos, incluindo Carl von Ossietzky¹³². Um número semelhante estava detido no campo estadual